



Universidade do Estado do Rio De Janeiro

Faculdade de Comunicação Social

Ana Luiza Silva de Castro

Nomadismo digital e novas práticas jornalísticas: uma análise do blog 360

Meridianos

Rio de Janeiro

2018

Ana Luiza Silva de Castro

Nomadismo digital e novas práticas jornalísticas: uma análise do blog *360 Meridianos*

Monografia apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título em Bacharel em Jornalismo, ao Curso de Jornalismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Pimentel Abreu.

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRUS/BIBLIOTECA CEH/A

XXXX	<p>de Castro, Ana Luiza Silva Nomadismo digital e novas práticas jornalísticas: uma análise do blog <i>360 Meridianos</i> / Ana Luiza Silva de Castro. – 2018. 51 f.</p> <p>Orientador: Leandro Pimentel Abreu. Monografia (graduação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Comunicação Social.</p> <p>1. Currículos – Monografias. 2. Jornalismo – Estudo e ensino – Monografias. I. Pimentel, Leandro. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.</p> <p>CDU XXX.XXX</p>
------	---

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia, desde que citada a fonte:

Assinatura

Data

Ana Luiza Silva de Castro

Nomadismo digital e novas práticas jornalísticas: uma análise do blog *360 Meridianos*

Monografia apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título em Bacharel em Jornalismo, ao Curso de Jornalismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 17 de agosto de 2018.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Leandro Pimentel Abreu (Orientador)

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

Prof^a. Dra. Patrícia Sobral de Miranda

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

Rio de Janeiro

2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, ao meu esposo e a minha família.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que, através de seus planos, me trouxe do Mato Grosso do Sul para o Rio de Janeiro, onde pude estudar em uma das maiores e mais prestigiadas universidades do Brasil, a UERJ.

Ao meu esposo, Luiz Filipe Ferreira de Santana, por todo o apoio concedido a mim desde a época do vestibular até o momento da entrega da monografia e por ter sido o primeiro a acreditar no meu tema de pesquisa.

À minha avó, Maria Alencar da Silva, por todo o amor dedicado a mim desde a infância e pelo carinho com que me trata todos os dias.

Aos meus pais, Sergio Luiz de Castro e Silvana A. da Silva Castro, por terem, desde minha tenra idade, se preocupado com a minha educação e com o meu futuro, deixando de realizar alguns sonhos para poder comprar material de escola, uniformes do Colégio Militar, lanches na cantina... amo vocês.

A minha irmã, Isabele Silva de Castro, que, apesar de mais nova, foi a primeira a se formar no Ensino Superior. Você é um exemplo para mim e minha melhor amiga.

Ao meu orientador, Leandro Pimentel, por compartilhar das minhas ideias sobre o mercado de trabalho jornalístico e por confiar na minha capacidade intelectual. Seu apoio oportuno permitiu que essa pesquisa fosse finalizada.

À professora Patrícia Sobral, por ter sido uma mãe no meu tempo de UERJ.

A todos os professores, por sua dedicação à educação mesmo em tempos de crise, por acreditarem nos alunos dessa faculdade pioneira e maravilhosa que é a Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz
E ser feliz

Almir Sater

RESUMO

CASTRO, A. L. *Nomadismo digital e novas práticas jornalísticas: uma análise do blog 360 Meridianos*. 2018. 51 f. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Os principais objetivos do presente estudo consistem em descrever as transformações do jornalismo por meio do teletrabalho e do nomadismo digital, práticas que possibilitaram flexibilidade e mobilidade aos profissionais. No processo, destaca-se a revolução das tecnologias de informação e comunicação, assim como as mudanças do mercado de trabalho. Para isso, foi realizada uma análise qualitativa de conteúdo do blog *360 Meridianos*, objeto da pesquisa empírica, cujo *corpus* foi constituído pelas publicações da editoria *Vida Nômade* que continham no título a(s) palavra(s) nômade(s) digital(is). A análise foi feita durante o mês de julho e se restringiu apenas aos artigos da referida categoria. Os resultados obtidos permitiram identificar os principais elementos relacionados ao estilo de vida do nomadismo digital, como a flexibilidade e a mobilidade, ratificando os dados levantados na pesquisa bibliográfica. A hipótese desenvolvida é que o nomadismo digital se apresenta, atualmente, como uma oportunidade para os profissionais da comunicação, sobretudo os que atuam em plataformas digitais, bastando, para isso, que, em princípio, tenha acesso à Internet e aos dispositivos móveis, e o interesse nesse modelo alternativo de trabalho.

Palavras-chave: Teletrabalho; Nomadismo Digital; Flexibilidade; Mobilidade; Práticas Jornalísticas.

ABSTRACT

CASTRO, A. L. *Digital nomadism and new journalistic practices: a review of the blog 360 Meridianos*. 2018. 51 f. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

The main objectives of the present study are to describe the transformations of journalism through teleworking and digital nomadism, practices that enabled flexibility and mobility for professionals. In the process, we highlight the revolution in information and communication technologies, as well as the changes in the labor market. For this, a qualitative analysis of the content of the blog 360 Meridians, object of the empirical research was carried out, whose corpus was constituted by the publications of the publishing house Vida Nômade that contained in the title the word(s) digital nomad(s). The analysis was made during the month of July and was restricted only to the articles of that category. The results obtained allowed the identification of the main elements related to the lifestyle of digital nomadism, such as flexibility and mobility, ratifying the data collected in the bibliographic research. The hypothesis developed is that digital nomadism presents itself today as an opportunity for communication professionals, especially those who work in digital platforms, simply by having, in principle, access to the Internet and mobile devices, and the interest in this alternative model of work.

Key-words: Telework; Digital Nomadism; Flexibility; Mobility; Journalistic Practices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tirinha - Fonte: <https://www.360meridianos.com/2013/04/nomade-digital-vida-com-mochila.html> 41

Figura 2 - Escritório de um nômade digital - Fonte: <https://www.360meridianos.com/2013/12/o-que-voce-tem-que-saber-antes-virar-um-nomade-digital.html> 43

Figura 3 – Tempos modernos - Fonte: <https://www.360meridianos.com/2014/01/carreiras-nomade-digital.html> 44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 DO SURGIMENTO DOS COMPUTADORES À WORLD WIDE WEB: COMO A REVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO TRANSFORMOU O MERCADO DE TRABALHO	14
1.1 Os computadores	14
1.2 A Internet	15
1.3 A transformação do trabalho	16
2 O IMPACTO DA REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA NO TRABALHO	30
2.1 Impacto negativo da revolução tecnológica no trabalho	20
2.2 Impacto positivo da revolução tecnológica no trabalho	24
2.2.1 A flexibilização do tempo do espaço	26
2.2.2 O que é o teletrabalho	27
3 O JORNALISMO: COMO A REVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO IMPACTOU A PRÁTICA JORNALÍSTICA	30
3.1 O mercado de trabalho jornalístico	30
3.2 O nomadismo digital	32
4 ANÁLISE DO BLOG <i>360 MERIDIANOS</i>	36
4.1 Procedimentos metodológicos	36
4.2 O blog <i>360 Meridianos</i>	37
4.2.2 Estrutura	39
4.3 Análise de conteúdo	40
4.3.1 Postagem 1	40
4.3.2 Postagem 2	42
4.3.3 Postagem 3	43
4.3.4 Postagem 4	45
4.3.5 Postagem 5	46
4.4 Discussão das análises	47
5 CONCLUSÃO	49

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda o tema do nomadismo digital como prática jornalística, a fim de pensar o aumento de flexibilidade e mobilidade ao profissional da área. O nomadismo digital é um modelo alternativo de trabalho no qual o trabalhador exerce suas funções em trânsito, fazendo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, como a Internet e os aparelhos móveis. As mesmas surgiram a partir do século XX, possibilitando mudar o *modus operandi* de várias profissões ao redor do globo, inclusive o do jornalismo.

Tudo começou a partir da Segunda Guerra Mundial, período de grandes avanços tecnológicos, sendo um dos principais o computador. Na mesma época surgiu também a Internet, não da maneira como é hoje, mas já bastante revolucionária. A soma desses dois fatores levou, entre outras consequências, à transformação das práticas de trabalho. Aqui é necessário fazer uma consideração. A tecnologia por si só não gera nem elimina empregos, ela é um instrumento. Durante a pesquisa foi possível chegar à conclusão de que a eliminação de vários postos de emprego, não só no Brasil, como em outros países do mundo, está diretamente relacionada à maneira com que a transformação tecnológica foi introduzida nos processos produtivos, com o objetivo de substituir a mão de obra humana.

Esse tema surgiu para mim durante a visita a uma biblioteca no ano de 2016. Passando os olhos pelas lombadas dos volumes, me deparei com um livro pelo qual tive um interesse súbito: O Ócio Criativo, de Domenico de Masi, escritor e sociólogo italiano. O mesmo é resultado de uma entrevista concedida à jornalista Maria Serena Palieri, também italiana, e traz reflexões sobre a globalização, o desenvolvimento sem emprego e a sociedade pós-industrial, entre outras. Lendo o referido título comecei a reparar que de fato o que o sociólogo falou, nos idos anos 2000, estava acontecendo bem na minha frente.

Uma das questões, senão a principal, para mim naquele momento foi o caso do metrô cheio. Eu já não conseguia compreender antes o porquê de todos os dias os carros deste meio de transporte se tornarem simplesmente inacessíveis das 08:00 às 10:00 horas e depois das 17:00 às 19:00 horas, sendo que a isso se somam os quilômetros de engarrafamento nas ruas e avenidas da cidade do Rio de Janeiro. Eu pensava comigo que deveria haver uma alternativa para isso. E havia.

Domenico defende, entre outros pontos, a ideia de que já não se faz mais necessário haver esse deslocamento sincronizado de todos os trabalhadores para seus respectivos postos de trabalho. Isso porque a tecnologia permite que as tarefas realizadas no meio digital sejam feitas não apenas no escritório específico da empresa, como também de casa, de escritórios

alternativos, de outra cidade, de outro país. E isso, para mim, fez todo o sentido. Foi assim, então, que decidi pelo meu objeto de pesquisa.

O texto se estrutura da seguinte maneira. O primeiro capítulo trata da história do surgimento do computador, da Internet e de como essa revolução transformou o mercado de trabalho. Os autores que servem de base teórica aqui são Castells (2002), Briggs e Burke (2016), de Masi (2000), Silva (2007) e Bauman (2001). Nessa transformação houve mudanças negativas, quando se trata dos interesses do trabalhador, como a flexibilização dos direitos trabalhistas, assim como estamos vendo no presente momento no Brasil; e houve também mudanças positivas, que são o foco deste estudo. Ambas as questões são tratadas no capítulo dois.

Uma das mudanças positivas é o surgimento do teletrabalho, que, para de Masi, é um trabalho realizado longe dos escritórios empresariais e dos colegas de trabalho, com comunicação independente com a sede central do trabalho e com outras sedes, através de um uso intensivo das tecnologias da comunicação e da informação. Além disso, neste modelo o trabalhador pode cumprir sua tarefa de manhã ou de noite, na cozinha, no terraço, na casa de veraneio, tanto faz, porque isso simplesmente não interessa à empresa.

Entretanto, não são todos os tipos de trabalho que podem se adequar a esse formato. Os mais adaptáveis são os que consistem em uma atividade mais intelectual, como ler, traduzir, escrever e que possuem a informação como matéria-prima. E o jornalismo se encaixa perfeitamente nesses quesitos. Aqui começa o terceiro capítulo, que aborda especificamente como a revolução da tecnologia da informação impactou a prática jornalística. Para o estudo desse fenômeno foram utilizados os autores Briggs e Burke (2016), Sodré (1999), Traquina (2005), Moreira e Silva (2015), Herscovitz (2003), Longhi e Flores (2017), Lemos (2005), Scolari (2016) e Nascimento (2015).

A imprensa como a conhecemos hoje   fruto da Revolu o Industrial, como veremos mais adiante. O jornalismo nasceu dependente de subsídios políticos, concedidos pela burguesia, com o objetivo de se firmar como classe dominante. Entretanto, paulatinamente a fonte de renda passa a vir do público leitor e dos anúncios pagos, o que permitiu a despolitiza o da imprensa (TRAQUINA, 2005, pp. 36-37). Todavia, o produto jornalístico se tornou dependente da renda publicitária e isso faz com que, até hoje, os interesses do mercado sobrepujem, em alguns casos, a responsabilidade social da profissão.

Pode-se perceber então que há a necessidade de uma mudança no jornalismo, nas rotinas, nos profissionais e nos produtos. O que se propõe neste estudo   utilizar as inova es tecnológicas para isso, permitindo uma renova o de todo o processo. O caminho sugerido   o

do nomadismo digital, já definido anteriormente, e diversas pesquisas demonstram que, não só os negócios digitais têm crescido, como também as empresas tradicionais têm se adaptado a essa nova tendência, já que isso gera vários benefícios para a própria corporação, como a redução de custos de aluguel de escritório e de deslocamento de seus empregados.

Até mesmo os grandes meios de comunicação têm abordado o assunto com mais frequência. O tema foi reportagem de capa da revista *Você S/A* de julho de 2018, que trazia um dado importante: “De acordo com números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017 a quantidade de gente sem registro ultrapassou, pela primeira vez, a de quem tem carteira assinada” (COM trabalho e sem emprego, Revista VOCÊ S/A, pp. 25). No próprio editorial da mesma publicação continha a seguinte frase: “Pegue qualquer estudo sobre o futuro do trabalho e você verá que uma coisa é certa nesse mercado: a incerteza nos contratos de emprego” (COM trabalho e sem emprego, 2018, pp. 5).

A grande mídia não é a única que tem prestado mais atenção à questão, pesquisadores de diversas partes também têm se debruçado sobre o assunto. Juan Pablo Meneses, jornalista fundador da Escuela de Periodismo Portátil, juntamente com a John S. Knight (JSK) Journalism Fellowship e a Universidade de Stanford, produziram o primeiro censo sobre jornalistas freelancers na América Latina. E os resultados são interessantes. Por exemplo, 66% dos jornalistas freelancers optaram pessoalmente por esse modelo, enquanto apenas 22% fizeram a escolha baseada em demissões ou em falta de emprego no mercado tradicional. O próprio Meneses, em entrevista ao Knight Center, revela o motivo: "o problema é que trabalhar em uma redação tradicional é ter que trabalhar em um local com um salário baixo, onde você trabalha horas por dia e onde estão constantemente demitindo as pessoas, porque as redações estão encolhendo"¹.

O quarto capítulo se baseia na análise de conteúdo do blog *360 Meridianos*, criado em outubro de 2011 por três jornalistas de Belo Horizonte: Rafael Câmara, Luiza Antunes e Natália Becattini. Em um primeiro momento, explicam-se os procedimentos metodológicos, para isso os autores dos Santos (1999), Bauer (2002), Gil (1999) e Bardin (2010) são utilizados. Posteriormente, é feito um estudo sobre o objeto empírico em si. Esta parte consiste no histórico, que aborda o surgimento do *360 Meridianos*, e na estrutura do blog, que equivale à descrição física do diário digital.

¹ CARDENAS, Cat. **Pesquisa sobre freelancers na América Latina agora inclui jornalistas de língua portuguesa**. Knight Center for Journalism in the Americas. Austin/Texas, mai. 2017. Disponível em: <<https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-18392-pesquisa-sobre-freelancers-na-america-latina-agora-inclui-jornalistas-de-lingua-portug>>. Acesso em: 01/07/2018.

Por último, é feita a análise de conteúdo em si, sendo que o corpus escolhido se constituiu de todos os posts da categoria *Vida Nômade* que contivessem no título a(s) palavra(s) nômade(s) digital(is). Ao todo foram analisados os títulos de 40 publicações, sendo que em cinco dessas foi realizado um estudo mais profundo sobre o conteúdo, que eram as que continham as referidas palavras. Em seguida, as mesmas são descritas e pormenorizadas, finalizando com a discussão das análises, na qual o objeto empírico é estudado sob a ótica da pesquisa bibliográfica realizada nos dois primeiros capítulos.

Por fim, retomam-se, nas considerações finais, os principais objetivos do estudo. Também se discute sobre a relevância da presente pesquisa para o campo da comunicação e apontam-se algumas direções sobre o ensino do jornalismo, visando as transformações abordadas no texto. Para concluir, são tecidos comentários sobre os resultados obtidos através da análise de conteúdo qualitativa do blog *360 Meridianos*.

1 DO SURGIMENTO DOS COMPUTADORES À WORLD WIDE WEB: COMO A REVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO TRANSFORMOU O MERCADO DE TRABALHO

A primeira lei de Kranzberg diz: A tecnologia não é nem boa, nem ruim e também não é neutra (CASTELLS, 2002, pp. 113).

Antes de mais nada, é necessário conceituar tecnologia da informação e, para isso, recorre-se a Manuel Castells para definir esse termo que tem causado tantas mudanças no mundo atual: “Como tecnologia, entendo, em linha direta com Harvey Brooks e Daniel Bell, ‘o uso de conhecimentos científicos para especificar as vias de se fazerem as coisas de uma maneira reproduzível’” sendo que “entre as tecnologias da informação, incluo, como todos, o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (*software e hardware*), telecomunicações/radiodifusão, e optoeletrônica” (CASTELLS, 2002, pp. 67).

A revolução da tecnologia da informação começou com os computadores, que “devem vir em primeiro lugar em qualquer análise histórica, pois logo que deixaram de ser considerados simples máquinas de calcular ou úteis acessórios de escritório”, o que só aconteceu no começo da década de 1970, “passaram a fazer com que todos os tipos de serviços, e não somente os de comunicações, tomassem novas formas. Contudo, para isso, tiveram que se tornar menores e mais baratos” (BRIGGS & BURKE, 2016, pp. 273).

1.1 Os computadores

As origens do computador remetem à Segunda Guerra Mundial. Foi durante ela e no período seguinte que “se deram as principais descobertas tecnológicas em eletrônica: o primeiro computador programável e o transistor, fonte da microeletrônica, o verdadeiro cerne da revolução da tecnologia da informação no século XX” (CASTELLS, 2002, pp. 76). Dessa forma, pode-se perceber que “os primeiros computadores digitais eletrônicos operacionais foram planejados de ambos os lados do Atlântico, para propósitos militares de guerra e da Guerra Fria” (BRIGGS & BURKE, 2016, pp. 273).

Mas foi o ano de 1947 que realmente marcou a história, quando na empresa Bell Laboratories, em Murray Hill, Nova Jersey, foi inventado o transistor, mais conhecido como *chip*. O transistor “possibilitou o processamento de impulsos elétricos em velocidade rápida e em modo binário de interrupção e amplificação, permitindo a codificação da lógica e da comunicação com e entre as máquinas” (CASTELLS, 2002, pp. 76).

Outra grande invenção ocorreu no ano de 1971 e “pôs o mundo da eletrônica e, sem dúvida, o próprio mundo, de pernas para o ar”: o microprocessador. Ele possibilitou “incluir um computador em um *chip*” (CASTELLS, 2002, pp. 79). O que era um avanço sem precedentes, pois “em 1961, a IBM já estava vendendo mais de sete linhas diferentes de computadores, mas nenhuma delas indicava o que o microprocessador tornaria possível — o computador pessoal” (BRIGGS & BURKE, 2016, pp. 276), considerado por alguns autores como “o maior avanço tecnológico” (BRIGGS & BURKE, 2016, pp. 279).

Não se pode avançar nessa linha do tempo sem falar sobre uma das histórias míticas que povoam o imaginário dos pesquisadores do surgimento do computador e seus desdobramentos: A lenda de Altair.

Em 1975, Ed Roberts, um engenheiro que criou uma pequena empresa fabricante de calculadoras, a MITS, em Albuquerque, Novo México, construiu uma “caixa de computação” com o inacreditável nome de Altair, inspirado em um personagem da série de TV, Jornada nas Estrelas, que era admirado pela filha do inventor. A máquina era um objeto primitivo, mas foi construída como um computador de pequena escala com um microprocessador. O Altair foi a base para o design do Apple I e, posteriormente, do Apple II. Este último foi o primeiro computador de sucesso comercial, idealizado pelos jovens Steve Wozniak e Steve Jobs (após abandonarem os estudos regulares), na garagem da casa de seus pais, em Menlo Park, Vale do Silício. Uma saga verdadeiramente extraordinária que acabou se tornando uma lenda sobre o começo da Era da Informação (CASTELLS, 2002, pp. 79).

No mesmo ano, 1975, foi aberta a primeira loja de computadores, em Los Angeles, no mês de julho (BRIGGS & BURKE, 2016). Desde então, a capacidade dos chips tem aumentado e com ela, a dos microcomputadores. Sendo que, “desde meados da década de 1980, os microcomputadores não podem ser concebidos isoladamente: eles atuam em rede, com mobilidade cada vez maior, com base em computadores portáteis”, o que mudou “decisivamente a era dos computadores nos anos 90, ao transformar o processamento e armazenamento de dados centralizados em um sistema compartilhado e interativo de computadores em rede” (CASTELLS, 2002, pp. 80).

1.2 A Internet

A Internet foi resultado de uma “fusão singular de estratégia militar, grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural” (CASTELLS, 2002, pp. 82). O principal apoiador do projeto foi a ARPA, Administração dos Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, fundada em 1957 como uma resposta do governo norte-americano ao Sputnik (BRIGGS & BURKE, 2016). Por esse motivo, a primeira rede de computadores foi nomeada ARPANET, em homenagem ao seu

poderoso patrocinador, e entrou em funcionamento em 1º de setembro de 1969 (CASTELLS, 2002).

“Contudo, por volta de 1990, os não-iniciados ainda tinham dificuldade para usar a Internet” (CASTELLS, 2002, pp. 88). Mas Tim Berners-Lee, em 1989, “imaginou o que chamou de ‘World Wide Web’” (BRIGGS & BURKE, 2016, pp. 302), “que organizava o teor dos sítios da Internet por informação, e não por localização, oferecendo aos usuários um sistema fácil de pesquisa para procurar as informações desejadas” (CASTELLS, 2002, pp. 88). No entanto ele não o fez sozinho, mas junto ao grupo de pesquisadores o qual coordenava ao lado de Robert Cailliau no CERN, Centre Européen pour la Recherche Nucléaire, em Genebra (CASTELLS, 2002). Essa invenção fez muito mais do que apenas facilitar o acesso à Internet, “Berners-Lee tinha tomado ‘um sistema de comunicações poderoso, que somente a elite poderia usar, e transformara-o em meio de comunicação de massa’” (BRIGGS & BURKE, 2016, pp. 302) que “semelhante à mídia — e pela mídia —, oferecia informação, entretenimento e educação. Ao contrário de tudo isso, porém, cresceria a partir de baixo, sem direcionamento por parte do governo” (BRIGGS & BURKE, 2016, pp. 303).

1.3 A transformação do trabalho

Recapitulando, o microprocessador foi inventado em 1971 e começou a ser difundido em meados dos anos 70, já o microcomputador foi inventado em 1975 e começou a ser comercializado em 1977. Em 1969 a ARPA instalou a nova e revolucionária rede eletrônica de comunicação que se desenvolveu durante os anos 70 e veio a se tornar a Internet, que possibilitou que os microcomputadores “funcionassem em rede, aumentando assim seu poder e flexibilidade” (CASTELLS, 2002, pp. 97). Esse conjunto de inovações tecnológicas abalou o modelo da estrutura ocupacional vigente à época e permanece modificando as práticas de trabalho ao redor do globo.

Assim como fizemos com a história da tecnologia, começando pelo surgimento dos computadores, considerado o ponto de início da revolução da tecnologia da informação, começaremos aqui também com o surgimento do trabalho moderno, o que nos leva de volta à época da Primeira Revolução Industrial. Devemos lembrar, então, que as descobertas da eletricidade, da máquina a vapor e da organização taylorista foram indispensáveis à revolução industrial, somando-se a isso a primazia da razão (DE MASI, 2000).

Dessa forma, a sociedade industrial “introduziu a lei da eficiência baseada na relação entre o trabalho e o tempo necessário para a sua execução, porque a sua atividade era

manufatureira e podia ser cronometrada” (DE MASI, 2000, pp. 251). Assim sendo, milhares de pessoas que “antes desenvolviam uma outra atividade no próprio lar” eram obrigadas a “sair de casa e ir para a fábrica”, no entanto elas “além de modificar o próprio ritmo de produção, deveriam também modificar suas relações afetivas com os outros, sua relação com o bairro em que viviam e com a própria casa” (DE MASI, 2000, pp. 62). Isso ocorria porque a “fábrica sincronizada requer uma cidade sincronizada: para que todos estejam presentes na mesma hora, na própria linha de montagem, todo mundo tem que sair e voltar para casa no mesmo horário”. Dessa forma, “a cidade congestionava-se, bairro após bairro, devido ao deslocamento de todos os seus habitantes num só horário” (DE MASI, 2000, pp. 65).

Além dessas questões sobre a mudança radical da rotina das pessoas, obrigadas a saírem de casa para trabalhar, e do grande congestionamento por causa desse novo tipo de migração, a indústria também fez com que o trabalho passasse a ser o centro gravitacional da vida do ser humano, pois foi com seu advento “que o trabalho assumiu uma importância desproporcionada, tornando-se a categoria dominante na vida humana, em relação à qual qualquer outra coisa – família, estudo, tempo livre – permaneceu subordinada” (DE MASI, 2000, pp. 152).

Na modernidade, “dominada pela noção do progresso coletivo através da transformação industrial, a exaltação do trabalho encimou a lista de ‘deveres de cada um consigo próprio’ sem que outro fenômeno social lhe possa ser comparado” (LIPOVETSKY, 1994 *apud* SILVA, 2017, pp. 63). Dessa forma, só trabalhando o homem podia “ser digno da humanidade que existe na sua própria pessoa”, porque “lhe impuseram a moral segundo a qual ‘se o trabalho enobrece o homem, a indolência degrada-o e desonra-o’” (LIPOVETSKY, 1994 *apud* SILVA, 2017, pp. 64).

Constitui, por isso, uma hábil e certa construção social da modernidade, não só por classificar e determinar o estado ocupacional dos indivíduos, mas, também, por se constituir na força integradora com determinada lógica a que toda a sociedade se submete. A expressão “ter emprego” quer dizer “ter aplicação”, o que só por si revela a noção utilitária do indivíduo posto perante o imperativo organizacional do mundo social (SILVA, 2017, pp. 64).

Bauman vai chamar o modo de produção dessa época de “capitalismo pesado”. Nele o “trabalho”, assim definido, “era um esforço coletivo de que cada membro da espécie humana tinha que participar” (BAUMAN, 2001, pp. 158). Sendo que, para convencer cada indivíduo da necessidade do cumprimento dessa missão, atribuíram ao trabalho muitas virtudes e efeitos benéficos, como “o aumento da riqueza e a eliminação da miséria; mas subjacente a todos os méritos atribuídos estava sua suposta contribuição para o estabelecimento da ordem” (BAUMAN, 2001, pp. 157).

O resto não passava de consequência: colocar o trabalho como “condição natural” dos seres humanos, e estar sem trabalho como anormalidade; denunciar o afastamento dessa condição natural como causa da pobreza e da miséria, da privação e da depravação; ordenar homens e mulheres de acordo com o suposto valor da contribuição de seu trabalho ao empreendimento da espécie como um todo; e atribuir ao trabalho o primeiro lugar entre as atividades humanas, por levar ao aperfeiçoamento moral e à elevação geral dos padrões éticos da sociedade (BAUMAN, 2001, pp. 158).

Passam-se os anos e as pessoas se habituariam a esse novo modo de vida cronometrado pelo grande relógio da indústria. Vem a Segunda Revolução Industrial e o ritmo permanece o mesmo. A única coisa capaz de fazer com que o incessante giro da roda do trabalho pare é a guerra. Temos então a Primeira Guerra Mundial e todas as suas consequências de destruição, exceto uma, descrita por Bertrand Russel em seu livro *O elogio do Ócio*:

A guerra demonstrou de uma maneira que não deixa espaço a controvérsias que, graças à organização científica da produção, é possível garantir à população do mundo moderno um razoável teor de vida, desenvolvendo somente uma pequena parte da total capacidade de trabalho. Se, no final do conflito, essa organização científica, criada para que os homens combatessem e produzissem, tivesse continuado a funcionar, reduzindo o expediente a quatro horas diárias, tudo teria tido melhor êxito. Mas, em vez disso, foi instalado novamente o velho caos: quem tem trabalho, trabalha demais, enquanto outros morrem de fome porque não recebem salário. Por quê? Porque o trabalho é um dever, e o homem não deve receber um salário proporcional àquilo que produz, mas sim em proporção à sua virtude expressada pelo zelo (DE MASI, 2000, pp. 183).

Ou seja, a guerra foi capaz de demonstrar que seria possível as pessoas trabalharem apenas quatro horas diárias e, mesmo assim, produzir o suficiente para se manter a si e a suas famílias, quebrando o círculo vicioso da vida para o trabalho construída durante a Primeira Revolução Industrial. No entanto, optou-se pela manutenção do antigo sistema no qual as pessoas que possuem um emprego trabalham muito e as que não o possuem não conseguem nem suprir suas necessidades básicas de alimentação por falta de salário.

Toda a orientação e normalização social abarcam a capacidade do indivíduo apreender competências que sejam apreciadas, úteis e com valor para incluir num processo produtivo que, no limite, impõe aos indivíduos uma ocupação. Manter os indivíduos despossuídos do tempo livre, dedicados a um fim com sentido, naturalizou a existência humana nos nossos tempos dando coerência aos atos individuais. O sentido hipervalorizado da ocupação por meio do “emprego” resulta do significado produzido na corrente da rede de relações estabelecidas e que origina uma lógica existencial que vai muito além da noção de ligação social uma vez que se torna fulcral, não só na organização coerente do mundo vivido, como contribui para a sedimentação e confiança desse mesmo mundo (SILVA, 2017, pp. 64).

“Nesta perspectiva, o trabalho torna-se num elemento essencial no estabelecimento da ordem, sendo este responsável pela noção de obrigação e responsabilidade a que os indivíduos se submetem” (SILVA, 2017, pp. 64), isso porque “diversifica os contextos, proporcionando contatos que possibilitam a criação de laços de amizade e oportunidade de partilha com os outros”. Dessa maneira, “o emprego torna-se um local de realização dos indivíduos, não só profissional, mas também social, sendo um dos fatores que veiculam a felicidade” (RUSSELL, 2009 apud SILVA, 2017, pp. 65).

Além da razão, a religião também foi usada como forma de inculcar no trabalhador o trabalho como forma de purificação, sendo que, quem praticasse o contrário seria réu do tribunal eterno. “Mas como é que nasceu esta ideia atual que se tem do ócio, completamente negativa? Enquanto o trabalho requeria esforço físico, as pessoas eram obrigadas a trabalhar, porque, se a escolha fosse delas, se absteriam”. Dessa forma, “uma das correções era de tipo psicológico: consistia em enfatizar o preconceito de que gozar o ócio fosse um pecado”, sob esse ponto de vista: “quem é ocioso é ladrão, porque rouba o tempo de esforço no trabalho, seja do empregador, seja da sociedade. Quem goza do ócio peca e, até prova em contrário, se entrega aos vícios”. Assim “quem se entrega ao ócio não se redime do pecado original e, portanto, vai para o inferno (DE MASI, 2000, pp. 239).

2 O IMPACTO DA REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA NO TRABALHO

Para os fins da presente pesquisa foi necessário fazer uma divisão entre o impacto positivo da revolução tecnológica no trabalho e o impacto negativo. Tal separação possui como intento facilitar o entendimento, tornando o assunto mais didático. Dessa forma, este capítulo se subdivide dicotomicamente, sendo que é importante frisar que a autora está adotando o ponto de vista do jornalista e não do empresário. Por isso os pontos relativos a questões positivas abarcam vantagens para o profissional, assim como os pontos relativos a questões negativas.

2.1 Impacto negativo da revolução tecnológica no trabalho

Então, voltamos ao ponto de início do capítulo anterior: a Segunda Guerra Mundial, que deu à luz às transformadoras invenções do computador e, mais tarde, da Internet. A revolução tecnológica poderia também libertar os trabalhadores de suas algemas, mas, assim como ocorreu após a Primeira Guerra, o caminho escolhido para a produção de bens e serviços foi o da concentração do trabalho em uma parcela da população, enquanto a outra padece sem emprego.

No entanto, enquanto durante as outras revoluções (Primeira e Segunda Industriais) a mão de obra descartada no processo de automatização do trabalho era reabsorvida no setor de serviços, hoje, com a revolução tecnológica, que abarca principalmente este setor, a mão de obra liberada não tem sido mais reabsorvida, aumentando, assim, o desemprego em nível mundial.

A sua tese baseia-se na perspectiva de que as duas fases da revolução industrial tinham tido capacidade de absorver os trabalhadores excedentários – o campesinato fora absorvido pela primeira revolução industrial enquanto os operários foram absorvidos pelo setor terciário no impacto da segunda revolução tecnológica. Contudo, a atualidade, fruto do desemprego gerado a partir do terciário – bancos, seguros, comércio, telecomunicações – e a emergência de uma sociedade assente na tecnologia e no conhecimento, não produziria os mesmos resultados históricos na medida em que, por muito baixo que se apresentem os custos do trabalho, estes são sempre superiores aos custos da tecnologia. Desta forma, os investimentos em empreendimentos da atualidade, apontados como a grande solução para o problema da desocupação dos indivíduos, representam, na realidade, e cada vez mais, o aumento de desocupados de trabalho (SILVA, 2017, pp. 69).

“A questão da supressão de empregos está diretamente ligada à velocidade tecnológica sistematicamente introduzida nos processos produtivos” (SILVA, 2017, pp. 68). Sendo que as “práticas de produção enxuta, redução do quadro funcional, reestruturação, consolidação e administração flexível são induzidas e possibilitadas pelo impacto interligado da globalização

econômica e difusão das tecnologias da informação” (CASTELLS, 2002, pp. 304). Dessa forma, “o processo de transição histórica para uma sociedade informacional e uma economia global é caracterizado pela deterioração das condições de trabalho e de vida para uma quantidade significativa de trabalhadores” (CASTELLS, 2002, pp. 345).

Nos Estados Unidos e nos outros mercados mais flexíveis da OCDE, a redução dos quadros funcionais está-se tornando parte normal da vida de trabalho. Os trabalhadores mais velhos são especialmente vulneráveis quando as empresas “racionalizam” suas forças de trabalho. A palavra *downsizing* é, principalmente, um eufemismo para a redução do número de funcionários “obsoletos”, mais velhos e de salário mais alto, em geral entre os 45 e os 50 anos de idade, substituindo-os por trabalhadores mais jovens, recém-formados e que aceitem salários mais baixos. Os trabalhadores mais velhos, ao contrário dos mais jovens, sofrem longos períodos de desemprego e profundas quedas de salário quando voltam a trabalhar. Além de estarem baixando os salários dos grupos mais jovens, também está se tornando mais curto o “apogeu” da vida profissional dos trabalhadores do sexo masculino. Isso se aplica evidentemente às pessoas com nível médio ou superior, o que significa que até os trabalhadores de alto nível estão agora sujeitos a esse significado mais amplo de insegurança no emprego: os trabalhadores não estão apenas sujeitos a empregos de duração mais curta, mas ao achatamento ou mesmo à redução de receita quando chegar à meia-idade (CARNOY, 2000 apud CASTELLS, 2002, pp. 348).

Além do fenômeno do *downsizing*, supracitado, outra característica do paradigma informacional é a tendência para a flexibilidade – motivada pela concorrência e impulsionada pela tecnologia. “‘Flexibilidade’ é o slogan do dia, e quando aplicado ao mercado de trabalho augura um fim do ‘emprego como o conhecemos’”, em seu lugar surge o “trabalho por contratos de curto prazo, ou sem contratos, posições sem cobertura previdenciária, mas com cláusulas ‘até nova ordem’. A vida de trabalho está saturada de incertezas” (BAUMAN, 2001, pp. 169). Em seu exame minucioso do surgimento de padrões flexíveis de trabalho, Martin Carnoy diferencia quatro elementos nessa transformação.

Jornada de trabalho: trabalho flexível significa trabalho que não está restrito ao modelo tradicional de 35-40 horas por semana em expediente integral.

Estabilidade no emprego: o trabalho flexível é regido por tarefas, e não inclui compromisso com permanência futura no emprego.

Localização: embora a maioria ainda trabalha regularmente no local de trabalho da empresa, um número cada vez maior de trabalhadores trabalha fora do local de trabalho durante parte do tempo ou durante todo o tempo, em casa, em trânsito ou nas instalações de outra empresa pela qual sua empresa seja contratada.

O contrato social entre patrão e empregado: o contrato tradicional baseia-se/baseava-se em compromisso do patrão com os direitos bem definidos dos trabalhadores, níveis padronizados de salários, opções de treinamento, benefícios sociais e um plano de carreira previsível, ao passo que, do lado do patrão, espera-se/ esperava-se que o empregado fosse leal à empresa, perseverasse no emprego e tivesse boa disposição para fazer horas extras se fosse necessário – sem remuneração no caso dos gerentes, com remuneração no caso dos trabalhadores da produção (CASTELLS, 2002, pp. 330).

Pode-se perceber, deste modo, que há diversas formas de flexibilidade que abarcam salários, mobilidade geográfica, situação profissional, segurança contratual e desempenho de tarefas. É importante considerar que a flexibilidade em si não é um aspecto negativo

ocasionado pela revolução tecnológica, mas que “muitas vezes, todas essas formas são reunidas em uma estratégia voltada para os próprios interesses, visando apresentar como inevitável aquilo que, sem dúvida é uma decisão empresarial ou política”. É verdade que “as tendências tecnológicas atuais promovem todas as formas de flexibilidade”, de modo que “na ausência de acordos específicos sobre a estabilização de uma ou várias dimensões do trabalho, o sistema evoluirá para uma flexibilidade generalizada multifacetada em relação a trabalhadores e condições de trabalho”. Por isso que “essa transformação abalou nossas instituições, levando a uma crise da relação entre o trabalho e a sociedade” (CASTELLS, 2002, pp. 344-345) porque a “aceleração da transformação tecnológica ocorreu de mãos dadas com o processo de reestruturação capitalista” (CASTELLS, 2002, pp. 313).

De fato, o que ocorreu foi o rompimento do capital da sua dependência em relação ao trabalho “com uma nova liberdade de movimentos, impensável no passado”. De maneira que “a reprodução e o crescimento do capital, dos lucros e dos dividendos e a satisfação dos acionistas se tornaram independentes da duração de qualquer comprometimento local com o trabalho” (BAUMAN, 2001, pp. 171).

“Embora a tecnologia em si não gere nem elimine empregos, ela, na verdade, transforma profundamente a natureza do trabalho e a organização da produção” (CASTELLS, 2002, pp. 330). O problema é que os governos e as empresas escolheram o caminho mais produtivo, a curto prazo, para eles e mais danoso para a força de trabalho, a qual passa a assumir os riscos da produção tal qual os empresários, mas sem receber em troca a mesma remuneração.

Em um estudo conduzido sobre o impacto da introdução de robôs na indústria automobilística japonesa, norte-americana, francesa e italiana ficou claro como a diretriz escolhida pela classe dominante na implantação das novas tecnologias na indústria teve impactos bastante diferentes de uma tecnologia similar no mesmo setor.

Nos EUA e na Itália, os trabalhadores eram dispensados porque o principal objetivo da introdução da nova tecnologia era reduzir custos de mão-de-obra; na França, a perda de emprego foi menos do que nos dois outros países, porque as políticas governamentais atenuaram os impactos sociais da modernização; e no Japão, onde as empresas estavam comprometidas com o emprego vitalício, os empregos, de fato, aumentaram e a produtividade cresceu ainda mais em consequência de treinamento e maior esforço das equipes de trabalho, com isso elevando a competitividade das empresas e tirando fatias de mercado de suas congêneres norte-americanas (CASTELLS, 2002, pp. 313).

Apesar de o trabalho nunca ter sido tão central para o processo da realização de valor (CASTELLS, 2002), “avança de uma maneira cada vez mais irreversível o fenômeno do desenvolvimento sem emprego e sem trabalho” (CASTELLS, 2002, pp. 350). Sendo que os trabalhadores que conseguem permanecer no mercado “nunca foram tão vulneráveis à

empresa, uma vez que haviam se tornado indivíduos pouco dispendiosos, contratados em uma rede flexível cujos parceiros eram desconhecidos da própria rede (CASTELLS, 2002, pp. 350). À vista disso, “a riqueza aumenta e a oferta de empregos diminui. Os ricos se tornam cada vez mais ricos e menos numerosos, enquanto os pobres aumentam em número e pobreza (DE MASI, 2000, pp. 100).

O novo modelo de produção e administração global equivale à integração simultânea do processo de trabalho e à desintegração da força de trabalho. Esse modelo não é a consequência inevitável do paradigma informacional, mas o resultado de uma opção econômica e política feita por governos e empresas, escolhendo a “via baixa” no processo de transição para a nova economia informacional, principalmente com a utilização do aumento de produtividade para lucratividade a curto prazo. De fato, essas políticas contrastam de maneira profunda com as possibilidades do aumento do trabalho e alta produtividade sustentada propiciadas pela transformação do processo de trabalho sob o paradigma informacional (CASTELLS, 2002, pp. 304).

Dessa forma, podemos perceber que “a nova tecnologia da informação está redefinindo os processos de trabalho e os trabalhadores e, portanto, o emprego e a estrutura ocupacional” (CASTELLS, 2002, pp. 315). Sendo que “a divisão resultante dos padrões de trabalho e a polarização da mão de obra não são necessariamente consequências do progresso tecnológico ou de tendências evolucionárias inexoráveis”, mas que “é determinada socialmente e projetada administrativamente no processo da reestruturação capitalista” (CASTELLS, 2002, pp. 315). Isso porque “as tecnologias foram introduzidas mais para economizar mão-de-obra, submeter os sindicatos e reduzir custos do que melhorar a qualidade ou aumentar a produtividade por meios que não sejam redução do quadro funcional” (CASTELLS, 2002, pp. 313), de maneira que “muitos empregos estão sendo eliminados gradualmente pela automação da indústria e de serviços” (CASTELLS, 2002, pp. 315).

“Nessas condições, o trabalho, o emprego e as profissões são transformados, e o próprio conceito de trabalho e jornada de trabalho poderão passar por mudanças definitivas” (CASTELLS, 2002, pp. 315). Sendo que “são evidentes os sinais de crise do modelo de emprego que vigorou durante o regime de acumulação fordista e a sociedade industrial” (KÓVACS *et al.*, 2006 *apud* SILVA, 2017, pp. 68). “Esse modelo de emprego que, concordando com Carnoy, chamarei de normal, está em declínio no mundo inteiro” (CASTELLS, 2002, pp. 330-331), sendo que está sendo substituído por outro modelo cuja consequência é a substituição do humano sem, por exemplo, no processo da substituição, “se processar o correspondente acompanhamento no que diz respeito à taxa e contribuição da tecnologia para os sistemas de proteção do campo social em favor dos indivíduos” (SILVA, 2017, pp. 70).

A sociedade do trabalho está sendo substituída aceleradamente pela sociedade tecnológica, “desocupando o ser social do grande artifício chamado trabalho que o ocupava, transmitia utilidade, dava sentido existencial e funcionava como um fio condutor das vidas” (SILVA, 2017, pp. 71). Sendo que, para os que ainda terão a possibilidade de manter esse “fio condutor”, as regras do jogo estarão completamente mudadas e a seu desfavor. Pois haverá

A redução da estabilidade/segurança dos vínculos laborais; a multiplicação de formas flexíveis, frequentemente precárias de emprego; o aumento do desemprego; as lacunas ao nível da proteção social, da integração social e das regulações sociais e, ainda, uma certa crise da identidade individual e coletiva”. (KÓVACS *et al*, 2006 *apud* SILVA, 2017, pp. 68).

Para Bauman, “o termo ‘remendar’ capta melhor a nova natureza do trabalho separado do grande projeto de missão universalmente partilhada da humanidade e do não menos grandioso projeto de uma vocação para toda a vida”. Pois, “despido de seus adereços escatológicos e arrancado de suas raízes metafísicas, o trabalho perdeu a centralidade que se lhe atribuía na galáxia dos valores dominantes na era da modernidade sólida e do capitalismo pesado”. Assim sendo, “o trabalho não pode mais oferecer o eixo seguro em torno do qual envolver e fixar auto definições, identidades e projetos de vida”, além de não poder mais “ser concebido com facilidade como fundamento ético da sociedade, ou como eixo ético da vida individual” (BAUMAN, 2001, pp. 160).

2.2 Impacto positivo da revolução tecnológica no trabalho

É importante refletir hoje sobre tudo isso, pois estamos às vésperas de uma revolução nova e, igualmente, drástica: a da reorganização informática, graças ao teletrabalho e ao comércio eletrônico, que trarão de volta o trabalho para dentro dos lares e, assim, nos obrigarão a rever toda a organização prática da nossa existência (DE MASI, 2000, pp. 62).

A transformação do trabalho e do mercado de trabalho devido à revolução da tecnologia da informação é inquestionável. No geral, a forma tradicional de trabalho “com base em emprego de horário integral, projetos profissionais bem delineados e um padrão de carreira ao longo da vida estão sendo extintos de forma lenta, mas indiscutível” (CASTELLS, 2002, pp. 339), entretanto “pela primeira vez, hoje, desde os tempos de Taylor, mudar a organização do trabalho pode significar ‘mudar a organização de toda uma existência’” (DE MASI, 2000, pp. 184-185).

O que tende a desaparecer com a automação integral são as tarefas rotineiras, repetitivas, que podem ser pré-codificadas e programadas para que as máquinas as executem. É a linha de montagem taylorista que se torna uma relíquia histórica (embora ainda uma dura realidade para milhões de trabalhadores do mundo em fase de industrialização). Não deveria surpreender que as tecnologias da informação

fizessem exatamente isto: substituir o trabalho que possa ser codificado em uma sequência programável e melhorar o trabalho que requer capacidade de análise, decisão e reprogramação em tempo real, em um nível que apenas o cérebro humano possa dominar. Todas as outras atividades, dado o extraordinário índice de progresso da tecnologia da informação e sua constante baixa de preço, são potencialmente suscetíveis de automação e, portanto, o trabalho nelas envolvido é dispensável (embora os trabalhadores em si não o sejam, dependendo de sua organização social e capacidade política) (CASTELLS, 2002, pp. 306-307).

Ou seja, o resultado dessas tendências é a possibilidade de “eliminar a maior parte do trabalho administrativo mecânico e de rotina” (CASTELLS, 2002, pp. 312). O que “aumenta enormemente a importância dos recursos do cérebro humano no processo de trabalho” (CASTELLS, 2002, pp. 305). Dessa forma, percebemos que “quanto mais ampla e profunda a divisão da tecnologia da informação avançada em fábricas e escritórios, maior a necessidade de um trabalhador instruído e autônomo” (CASTELLS, 2002, pp. 306).

Apesar dos enormes obstáculos da administração autoritária e do capitalismo explorador, as tecnologias da informação exigem maior liberdade para trabalhadores mais esclarecidos atingirem o pleno potencial da produtividade prometida. O trabalhador atuante na rede é o agente necessário à empresa em rede, possibilitada pelas novas tecnologias da informação (CASTELLS, 2002, pp. 306).

O grande problema é que “todas as organizações que atualmente produzem bens de serviço e informação são filhas da velha indústria de manufaturas, que durante duzentos anos administrou o exército de analfabetos que assumiram tarefas repetitivas”. Entretanto, “agora se tenta fazer a mesma coisa com os diplomados e graduados” (DE MASI, 2000, pp. 247). Ainda aplicamos ao trabalho intelectual “regras que foram pensadas para o trabalho material. Mas o trabalho material, como já vimos, requer quase sempre uma unidade de tempo e lugar - a fábrica” enquanto o trabalho imaterial não exige “nem copresença física, nem sincronismo” (DE MASI, 2000, pp. 232).

Os horários de trabalho para os executivos e empregados ainda são programados, hoje em dia, como o dos operários na linha de montagem. Muitos ainda assinam o ponto, mesmo sob a forma de cartão eletrônico. Ser isento do ponto é um sinal de *status* (DE MASI, 2000, pp. 232).

No entanto, como na década de 1990 vários fatores aceleraram o processo de transformação do processo de trabalho, devido ao fato de que a “tecnologia da computação, as tecnologias de rede, a Internet e suas aplicações [...] tornaram-se cada vez menos dispendiosas e melhores”, o que possibilitou “sua aquisição e utilização em larga escala; a concorrência global promoveu uma corrida tecnológica e administrativa entre empresas em todo o mundo” (CASTELLS, 2002, pp. 306). Isso fez com que as organizações evoluíssem e adotassem novas formas quase sempre baseadas em flexibilidade, no entanto, aqui, diferentemente do tópico anterior a mesma será utilizada dentro de um contexto favorável aos trabalhadores e não ao capital financeiro internacional, protegendo, assim, seus direitos, inclusive o direito ao emprego.

2.2.1 A flexibilização do tempo e do espaço

Para evitar a onda de desemprego em massa que está sendo causada pelo mau uso das tecnologias de informação e comunicação, que, como vimos, têm sido utilizadas para a substituição de mão de obra sem que os trabalhadores sejam reabsorvidos pelo mercado, existe a proposta da flexibilização do tempo como uma forma de diminuir os impactos de tais transformações. John Maynard Keynes em seu artigo “Perspectivas para os nossos Netos”, de 1930, já havia escrito que

“A eficiência técnica veio se intensificando a um ritmo muito mais rápido do que aquele com o qual conseguimos resolver o problema da absorção da mão de obra... A desocupação devida à descoberta de instrumentos que fazem com que se economize mão de obra progride a um ritmo muito mais rápido que o ritmo com que conseguimos criar novos empregos para esta mesma mão de obra... Observado numa perspectiva mais ampla, isto significa, que a humanidade está progredindo em direção à solução do seu problema econômico... Expedientes de três horas, com uma carga semanal de 15 horas, podem manter o problema sobre controle por um razoável período de tempo” (DE MASI, 2000, pp. 321).

“Nas grandes empresas já é um dado estável: a quantidade de trabalho a ser feito diminui, a cada ano, em 3 a 5%” (DE MASI, 2000, pp. 251). Alguns países já têm pensado em soluções para a questão, na Holanda, por exemplo, um novo modelo de vida está sendo adotado com base em uma “redistribuição de renda e trabalho baseada em critérios totalmente inéditos, onde 36% da população ativa trabalham só meio expediente (DE MASI, 2000, pp. 100).

O part-time job talvez represente a única forma de redistribuição do trabalho que possa ser aceita pelas empresas. Graças a essa solução, os países com as mais baixas taxas de desemprego são exatamente aqueles que têm um maior percentual de pessoas que trabalham em regime de meio-expediente: na Holanda são 36% da população ativa, na Inglaterra, 22%, e nos Estados Unidos, 20% (DE MASI, 2000, pp. 110).

Outra medida que tem sido adotada e tem se mostrado uma alternativa viável ao processo em questão é a flexibilização do espaço. “Sistemas interativos de informação são a base do escritório automatizado e dos chamados ‘escritórios alternativos’ ou ‘escritórios virtuais’, tarefas executadas em locais distantes por meio de redes” (CASTELLS, 2002, pp. 311).

Talvez uma quarta fase de automação de escritórios esteja em preparo no cenário tecnológico dos últimos anos do século: o escritório móvel, representado por trabalhadores individuais munidos de poderosos dispositivos de processamento e de transmissão da informação (CASTELLS, 2002, pp. 311).

Mas aqui também existe uma resistência, não apenas das empresas, como também do próprio empregado, pois “somos condicionados culturalmente e por isso pensamos que se

possa trabalhar, isto é, pensar, só em certos lugares ou em uma determinada hora definidos para isso” (DE MASI, 2000, pp. 232)

Os etólogos dizem que quando os peixinhos vermelhos, depois de passar meses num aquário, são liberados em pleno mar, continuam ainda por um certo tempo a nadar em círculos, como se estivessem dentro do aquário. Os seres humanos trabalharam por duzentos anos dentro de uma fábrica ou dentro de um escritório e agem como se ainda estivessem ali, não saem nem mesmo quando a parede de vidro não existe mais (DE MASI, 2000, pp. 232).

No entanto, agora a maioria dos trabalhadores não lida com matérias sólidas, mas com informação imaterial. “Portanto, em vez de deslocar os trabalhadores para onde estão as informações, é possível e preferível deslocar as informações para onde estão os trabalhadores”. Não há mais qualquer compatibilidade entre os modelos de trabalho e de vida industrial e os pós-industriais, mesmo porque muitos valores pós-industriais são a favor de uma desestruturação do espaço: “valorizamos a qualidade de vida e por isso não queremos nos deslocar no meio de um engarrafamento ou perder, por horas e horas, o contato com a família” (DE MASI, 2000, pp. 212).

A principal tarefa do empresário, ajudado pelo próprio trabalhador, é reduzir cada vez mais os fatores necessários à produção. Na sociedade industrial, o principal destes fatores é o tempo, enquanto na nossa, pós-industrial, será o espaço, no sentido que com o teletrabalho poderemos produzir em toda e qualquer parte (DE MASI, 2000, pp. 69).

2.2.2 O que é o teletrabalho

Mas o que viria a ser o teletrabalho? O teletrabalho, segundo Domenico de Masi, é um trabalho “realizado longe dos escritórios empresariais e dos colegas de trabalho, com comunicação independente com a sede central do trabalho e com outras sedes, através de um uso intensivo das tecnologias da comunicação e da informação” (DE MASI, 2000, pp. 220). Além disso, é um trabalho que se realiza “com procedimentos bem codificados, no que diz respeito ao seu início e fim: a ordem é do tipo ‘até depois de amanhã, na hora tal devo ter feito isso’”. No entanto, não existem regras com relação à maneira como o serviço será realizado: “o trabalhador pode cumprir sua tarefa de manhã ou de noite, na cozinha, no terraço, tanto faz, pois isso não interessa à empresa” (DE MASI, 2000, pp. 221).

Dessa maneira, o “teletrabalho faz com que a gente adquira uma nova dimensão do tempo e do espaço” (DE MASI, 2000, pp. 203). Sendo que existem muitas formas, “empresas de trabalho a distância, escritórios-satélite, centros comunitários, trabalho a domicílio, trabalho em escritórios móveis...” (DE MASI, 2000, pp. 220-221).

Assim como no processo de trabalho adotado na modernidade, o teletrabalho também possui vantagens e desvantagens. Para os trabalhadores as vantagens são a “autonomia dos

tempos e dos métodos, coincidência entre o lar e o local de trabalho, redução dos custos e do cansaço provocado pelos deslocamentos” além da “melhoria da gestão da vida social e familiar, relações de trabalho mais personalizadas e a possibilidade da redução das horas de trabalho propriamente dito (DE MASI, 2000, pp. 222). Com relação à esta última afirmação,

As pesquisas sobre o teletrabalho, ou seja, o trabalho que não é realizado nos escritórios, mas na própria residência, evidenciam que as tarefas que na empresa requerem de oito a dez horas para serem realizadas, em casa se realizam, comodamente, na metade do tempo: de quatro a cinco horas, no máximo. Isto quer dizer que as pessoas passam, seja nas empresas, seja nas repartições públicas, o dobro do tempo necessário (DE MASI, 2000, pp. 180).

Com relação às desvantagens fatores como “isolamento, marginalização do contexto e da dinâmica da empresa (logo, vale o provérbio “o que os olhos não veem, o coração não sente”, significando menores chances na carreira)” podem ser considerados. Somando-se a isso ainda há o problema da “reestruturação dos espaços dentro de casa, dos hábitos pessoais e das relações familiares (do tipo ‘quem leva os filhos para a escola?’)” (DE MASI, 2000, pp. 222).

Também existirão dificuldades para ações coletivas com os colegas de trabalho “até que se descubra a ideia de fazê-las de tipo informático: utilizando os mesmos veículos com os quais a empresa passa informação para passar a contrainformação” (DE MASI, 2000, pp. 222).

Existirão dificuldades para a organização sindical até o momento em que o sindicato aprenda a usar estas tecnologias e se transformar em telessindicato. Pode ser que diminua o poder contratual: se é mais substituível, o trabalho poderá se tornar mais precário. O espaço da concorrência se estende por todo o planeta. E existe, por esse motivo mesmo, o risco da má distribuição (DE MASI, 2000, pp. 222).

Já considerando as vantagens para o espectro social, “o trabalho poderá ser difundido até em zonas isoladas, deprimidas ou periféricas. Haverá mais trabalho disponível para categorias que até o momento eram excluídas, como deficientes físicos ou idosos”, sem contar que “será possível descongestionar as áreas superpovoadas e sobretudo reduzir o tráfego e a poluição, além da manutenção das ruas e estradas” (DE MASI, 2000, pp. 225).

Por outro lado, as desvantagens para a coletividade poderão ser: “os custos com a infraestrutura, como instalação de cabos (mas em geral se usa o do telefone e toda casa tem um), a necessidade de conter as tarifas das comunicações e serviços”, além do “possível surgimento de áreas de trabalho pouco protegidas, de trabalho informático não declarado ao fisco, que é bem mais difícil de ser controlado que o tradicional. Sendo que “pode ser que se reduza a dimensão coletiva do trabalho, aumentando a atomização social” (DE MASI, 2000, pp. 225).

Considerando-se que a outra opção que nos está sendo proposta é a ultra flexibilização não só do tempo e do espaço, mas também da legislação trabalhista, dos direitos dos

trabalhadores e assim por diante, parece mais razoável esse segundo modelo. Além disso, graças ao teletrabalho “muitos poderão começar a ser pagos segundo o resultado e não segundo o tempo” (DE MASI, 2000, pp. 288).

Uma outra vantagem do teletrabalho é a possibilidade de se economizar o tempo que era gasto para os deslocamentos cotidianos entre o lar e o escritório” (DE MASI, 2000, pp. 170). O que é um grande avanço se considerarmos a magnitude do problema do trânsito nas grandes cidades, que levam as pessoas a encarar horas a fio de congestionamento para ir para o trabalho e depois para retornar ao lar.

As migrações são resíduos industriais: o deslocamento de todos e à mesma hora em direção ao trabalho ou a emigração em massa das zonas rurais para as zonas industriais são formas obsoletas de mobilidade (DE MASI, 2000, pp. 189).

É necessário frisar que o teletrabalho não precisa necessariamente ser desempenhado em casa. “Posso teletrabalhar também do meu consultório privado ou de algum ponto intermediário. O INPS (Istituto Nazionale di Previdenza Sociale), por exemplo, abriu muitas sedes descentralizadas” a fim de que as pessoas pudessem “ir trabalhar numa repartição mais perto de onde moram, de forma compatível com as funções que desempenham” (DE MASI, 2000, pp. 214).

Outro ponto que precisa ser abordado é que “nem todos os trabalhos, porém, são descentralizáveis”, pois “eles o são mais facilmente sobretudo quando consistem numa atividade simbólica (ler, traduzir, processar dados, etc.) e se têm como matéria-prima a informação, que, devido a sua natureza ubíqua, é transmissível em tempo real” (DE MASI, 2000, pp. 221). E é aqui que entra o Jornalismo.

“O futuro”, publicou a Newsweek, “pertence àqueles que serão mais capazes de usar as próprias cabeças do que as próprias mãos”, ou seja, a pessoas que se dedicarão à análise de sistemas, à pesquisa científica, à psicologia, ao marketing, às relações públicas, ao tratamento da saúde, à organização de viagens, ao *jornalismo* (grifo nosso) e à formação, isto é, educação nos campos que acabei de enumerar. Estas são as atividades do futuro, em lugar da guerra, do petróleo ou da fabricação de geladeiras (DE MASI, 2000, pp. 111).

3 O JORNALISMO: COMO A REVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO IMPACTOU A PRÁTICA JORNALÍSTICA

3.1 O mercado de trabalho jornalístico

Claramente todo o cenário descrito nos itens anteriores também abarca o mercado de trabalho do jornalismo, que surgiu da forma que o conhecemos hoje na época da Revolução Industrial. Este termo foi utilizado pela primeira vez em 1827 por Adolphe Blanqui, um economista político, para designar o conjunto de mudanças sociais, econômicas e políticas ocorridas na Europa no fim do século XVIII e início do século XIX (BRIGGS & BURKE, 2016). O que caracterizou tal revolução foi a mudança do trabalho manual para o realizado por máquinas, o que permitiu o vertiginoso crescimento da produção industrial. Isso afetou o modo de vida da sociedade como um todo, mas contribuiu especialmente para o surgimento do que viria a ser conhecido como imprensa. “Por muitas razões, fáceis de referir e de demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista” (SODRÉ, 1999, p. 1). Esse ponto de vista não é defendido por Sodré apenas, mas por outros autores como Briggs e Burke: “A ‘Revolução Industrial’ e a ‘revolução da comunicação’ podem ser vistas como parte do mesmo processo” (2016, p. 112).

Mas, afinal, por que a mudança no sistema de produção contribuiu para o desenvolvimento dos meios de comunicação? Basicamente porque a produção em massa, possibilitada por novas invenções, como a prensa a vapor – que viabilizava a produção rápida de milhares de jornais por dia – e a locomotiva – que facilitava a entrega dos mesmos à população, reduziu o custo de produção dos veículos de informação e aumentou a circulação.

O segredo da imprensa consistia, à medida que o capitalismo avançava, na rapidez com que chegava aos leitores. Era necessário, por isso, que a produção atendesse à multiplicação de exemplares velozmente multiplicados. As invenções que tornaram os periódicos em empresas industriais aparelhadas, eficientes, capazes de produzir todos os dias, milhões de jornais, seguiram-se umas às outras, a curtos intervalos (SODRÉ, 1999, p. 5).

Um outro fator de suma importância para o desenvolvimento do jornalismo como conhecemos hoje foi a mudança da fonte de financiamento dos jornais: Antes financiados por partidos políticos, os mesmos passaram a depender dos ativos da venda de espaço para publicidade e da própria venda dos exemplares para o mercado crescente de leitores.

O desenvolvimento da imprensa está relacionado com a industrialização da sociedade e com o desenvolvimento de uma nova forma de financiamento, a publicidade. O’Boyle (1968:290-1) escreve: ‘... só uma sociedade economicamente avançada podia produzir uma imprensa que se autofinanciasse completamente a partir das vendas a um público leitor de massas e de anúncios pagos. Sem tal base

econômica a imprensa ou não subsistia ou tinha que se apoiar em subsídios políticos'. (TRAQUINA, 2005, pp. 36).

Isso fez com que o jornalismo de opinião, militante e politizado, fosse substituído pelo jornalismo de informação, voltado para os fatos:

As novas formas de financiamento da imprensa, as receitas da publicidade e dos crescentes rendimentos das vendas dos jornais, permitiram a despolitização da imprensa, passo fundamental na instalação do novo paradigma do jornalismo: o jornalismo como informação e não como propaganda, isto é, um jornalismo que privilegia os fatos e não a opinião (TRAQUINA, 2005, pp. 36).

Para se ter uma ideia de como a publicidade era importante para a manutenção da estrutura dos jornais: “Entre 1867 e 1900, a soma total dos investimentos publicitários nos Estados Unidos subiu de 50 milhões de dólares para 542 milhões. No Reino Unido, a publicidade representava em 1910 um negócio de 15 milhões de libras” (TRAQUINA, 2005, pp. 37).

Essa dependência da publicidade não mudou com o tempo e como resultado desse aspecto mercadológico, em que o produto jornalístico acaba dependendo da publicidade para a manutenção da atividade jornalística, “boa parte do jornalismo exercido atualmente atende aos interesses do mercado – deixando de lado a premissa da responsabilidade social da profissão”. (MOREIRA & SILVA, 2015, pp. 10)

Atualmente, por conta da falta de tempo para apurar mais detalhadamente as informações executar um trabalho de pesquisa com maior densidade, os jornalistas não raras as vezes, não conseguem reportar os acontecimentos de forma relacionada com os sistemas e contextos em que estão devidamente inseridos. Assim, ressalta Silva (2012), a cobertura jornalística muitas vezes é feita apenas superficialmente. (MOREIRA & SILVA, 2015, pp. 11)

Dessa forma, pode-se perceber que a prática jornalística nos dias atuais, por estar a serviço do mercado e ainda apostar num modelo de negócios baseado quase que estritamente na publicidade, “tem se revelado distante dos preceitos básicos que ajudaram a dar sentido à atividade, como a busca pela veracidade dos fatos, a isenção e a responsabilidade social” (MOREIRA & SILVA, 2015, pp. 11).

O capitalismo mudou e como, segundo Sodré, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista, há a necessidade latente de uma mudança também na produção jornalística. Para alguns analistas como Martinez Albertos, da Universidade Complutense de Madri, “a internet promove o fim da sociedade de massas ao mesmo tempo em que facilita a criação de um novo modelo de sociedade apoiado no conhecimento pessoal e individualizado (Roset, 2001)”, dessa forma, “o jornalismo clássico deverá mudar se quiser conquistar o público da internet, como ensina a história recente” (HERSCOVITZ, 2003, pp. 21).

Com as constantes modificações tanto de cunho tecnológico, como de mercado consumidor no Jornalismo, “a inovação já não pode ser vista como um elemento extra, e sim como uma necessidade para a área, que busca alternativas para sobreviver em um cenário de crise” (LONGHI & FLORES, 2017, pp. 24-25).

A inovação tecnológica no jornalismo (...) não pode ser considerada como um investimento isolado em modernização industrial, mas caracterizada também como um aporte que modifica as rotinas e processos de trabalho do jornalista, bem como o perfil e a qualidade do produto jornalístico (FRANCISCATO, 2010 apud LONGHI & FLORES, 2017, pp. 25).

Uma das inovações que surgiu graças à revolução das tecnologias de informação e comunicação foi a cultura da mobilidade. Define-se mobilidade como “o movimento do corpo entre espaços, entre localidades, entre espaços privados e públicos” (LEMOS, 2005, pp. 3), sendo que a mesma “é vista como a principal característica das tecnologias digitais” (LEMOS, 2005, pp. 4). Ela ocasiona “transformações nas práticas sociais, na vivência do espaço urbano e na forma de produzir e consumir informação”, pois com o desenvolvimento da computação móvel e das novas tecnologias nômades (laptops, palms, celulares) “o que está em marcha é a fase da computação ubíqua, pervasiva e senciente, insistindo na mobilidade” (LEMOS, 2005, pp. 2). Por isso “as práticas contemporâneas ligadas às tecnologias da cibercultura têm configurado a cultura contemporânea como uma cultura da mobilidade” (LEMOS, 2005, pp. 4).

“A dinamicidade da web acabou afetando consideravelmente o tradicional modo de produção jornalístico” (MOREIRA & SILVA, 2015, pp. 2), por isso a importância de as “ciências sociais, incluindo aí as ciências da comunicação, devem empreender esforços para compreender as transformações atuais que colocam em sinergia mobilidade e tecnologias de comunicação sem fio” (LEMOS, 2005, pp. 4-5). Nesse contexto da cultura da mobilidade é que surge o Nomadismo Digital.

3.2 O nomadismo digital

Para Carlos Alberto Scolari, “a comunicação móvel é uma nova prática social global de produção/consumo de conteúdo e apropriação tecnológica realizada por meio da difusão maciça de dispositivos multifuncionais sem fio”. Sendo que “a comunicação móvel nasceu com a convergência explosiva dos dispositivos móveis e do acesso à Internet” (SCOLARI, 2016, pp. 183). É essa comunicação que permite o inovador movimento profissional chamado Nomadismo Digital, que é um “modelo centrado na realização do trabalho independente de

locais fixos, centrado nas possibilidades promovidas pelo meio digital” (NASCIMENTO, 2015, pp. 35).

Tal movimento consiste, basicamente, em trabalhar remotamente, no meio digital, enquanto viaja-se pelo mundo. É importante destacar que a nomenclatura nômade digital não se refere a “mochileiros” ou pessoas que vivem de empregos tradicionais no exterior, mas sim, àqueles que utilizam a Internet como plataforma fundamental de suas atividades de trabalho e base de gerenciamento de seus negócios. De blogueiros a escritores, designers, fotógrafos, profissionais de tecnologia, consultores, especialistas em marketing digital ou na produção de conteúdo online, dentre tantas outras atividades profissionais, os nômades digitais são movidos pela busca de uma maior liberdade e flexibilidade na gestão de suas carreiras e rotinas de trabalho, bem como pelo desejo de conhecer novos lugares, pessoas e culturas, desenvolvendo um modelo de trabalho profundamente atrelado a um estilo de vida específico (NASCIMENTO, 2015, pp. 32).

Entre alguns dos mais comuns tipos de nômades digitais estão “escritores, programadores, designers, fotógrafos, donos de e-commerces, consultores e jornalistas”. Em suma, “a maior parte destes profissionais atua nas áreas de tecnologia e da criação/produção de conteúdo digital” (MOREIRA & SILVA, 2015, pp. 2). Essa nova geração de profissionais pode optar por trabalhar de onde quer que estejam graças às facilidades promovidas pelos dispositivos móveis com acesso à Internet, como *notebooks*, *smartphones* e *tablets*, que constituem a principal ferramenta de trabalho do nômade digital (NASCIMENTO, 2015).

Assim, primando pelo ideal de realização profissional associada à satisfação pessoal, os adeptos do movimento do nomadismo digital optam por viajar pelo mundo, fixando-se temporariamente em outros países enquanto trabalham remotamente via Internet. De acordo com matéria publicada no portal Estadão, um dos principais marcos do surgimento do movimento é o livro de Tim Ferris “Trabalhe 4 horas por semana”, publicado em 2007 e considerado uma espécie de guia por muitos nômades digitais. O livro de Ferris, que se tornou um *best seller*, aborda técnicas de como gerenciar as horas e as atividades de trabalho *online*, valorizando e direcionando o tempo livre à realização de grandes experiências no âmbito pessoal (NASCIMENTO, 2015, pp. 32).

Dessa forma, pode-se perceber que “a incorporação de tecnologias móveis permite ao jornalista um padrão de vida nômade” (MOREIRA & SILVA, 2015, pp. 4). No entanto, é preciso considerar que um “fator determinante para a consolidação deste movimento é o crescimento dos negócios digitais, que permitem que profissionais trabalhem como empreendedores digitais ou *freelancers*” aqui significando “trabalhadores autônomos que prestam serviços profissionais para empresas, geralmente contratados para projetos específicos de forma totalmente *online*” (NASCIMENTO, 2015, pp. 33).

Outro fator importante é que as empresas tradicionais também têm se adaptado para atender essa nova tendência, “buscando oferecer oportunidades de trabalho mais atraentes aos profissionais, bem como reduzir custos como aluguel e deslocamento” (NASCIMENTO, 2015, pp. 33).

De acordo com a pesquisa realizada com mais de 200 empresas pela SAP Consultoria no ano de 2014, 36% das empresas no Brasil possuem políticas de *home*

office, que permitem que os funcionários trabalhem parte de sua jornada semanal ou mensal fora da empresa. A pesquisa revelou, ainda, que essa prática é bastante recente no país, uma vez que, dentre as empresas que afirmaram adotar políticas de *home office*, 58% delas aderiram a tal prática há no máximo quatro anos. (NASCIMENTO, 2015, pp. 33).

O número de pessoas que desenvolvem atividades de trabalho que não exigem que estejam em um local específico e fixo tem crescido sobremaneira, de forma que “embora a quantidade de indivíduos que se desloca a um local pré-determinado de trabalho (como um escritório ou uma fábrica, por exemplo) para exercer suas atividades diariamente” ainda seja maior do que aqueles que não possuem tal limitação, “a diferença em números entre estes dois grupos vem diminuindo à medida em que o trabalho desvincula-se das limitações de espaço e desloca-se na direção de locais alternativos” (FELSTEAD; JEWSON; WALTERS, 2005 apud NASCIMENTO, 2015, pp. 37). Por isso, o uso do termo “nômade” para referenciar o trabalhador contemporâneo que, “assim como no sentido original da palavra, é livre para deslocar-se, porém, agora, graças à utilização da tecnologia” (NASCIMENTO, 2015, pp. 37)

O termo “nômade digital” resgata a ideia clássica de nomadismo das antigas civilizações pastoris, que migravam permanentemente na busca por recursos naturais, ao mesmo tempo em que recria o significado de tal noção a partir de uma nova articulação da sociedade, marcada por questões tipicamente contemporâneas e relacionadas às inovações tecnológicas. Meyrowitz (1985, pp. 316) define os nômades pós-modernos como “(...) caçadores-coletores da era da informação”, em referências às antigas sociedades nômades que tinham nas atividades de caça e coleta seu modo fundamental de subsistência (NASCIMENTO, 2015, pp. 35).

Assim, em tempos em que “a tecnologia e a internet permitem ao profissional criar um próprio espaço para difusão e produção de conteúdo jornalístico, apostar em novos modelos para o exercício do jornalismo revela-se necessário”. Nesse sentido, “o jornalismo, exercido na lógica do nomadismo digital, pode revelar um cenário promissor”, para a área no geral e, principalmente, “para os profissionais que trabalham com a informação” (MOREIRA & SILVA, 2015, pp. 12).

Os estudos de Andriessen e Vartiainen (2006), Chen e Nath (2005), Richman, Noble e Johnson (2002) apontam que os benefícios desse novo formato de trabalho permeiam tanto as organizações quanto os profissionais individualmente. Os autores entendem que os arranjos de trabalho flexível/virtual oferecem maior liberdade e agilidade aos colaboradores, influenciam na produtividade, no nível de comprometimento, motivação e satisfação com o trabalho, contribuem para a redução do grau de estresse, além de possibilitarem um maior equilíbrio na gestão das demandas de trabalho e da vida pessoal dos indivíduos. Mas, embora se possa pensar que o trabalho remoto traga benefícios, sobretudo, para os profissionais/funcionários, as pesquisas de Richman, Noble e Johnson (2002) indicam que tal formato de trabalho também promove ganhos para as organizações, sendo, muitas vezes, adotado em razão de necessidades da própria empresa. Redução de custos e melhor utilização dos recursos são alguns desses fatores (ANDRIESSEN e VARTIANEIN, 2006 apud NASCIMENTO, 2015, pp. 41).

“A mobilidade é uma qualidade das mídias e, principalmente do jornalismo. Sendo exercido na lógica do nomadismo digital, o jornalismo poderia trazer mais vivacidade, frescor e novidade ao meio, aos leitores e aos profissionais da área” (MOREIRA & SILVA, 2015, pp.

13). Porém, “a viabilidade de adotar tais práticas nômades varia de acordo com diversos fatores, como a natureza do negócio da organização, os processos de trabalho, as estratégias e o ambiente competitivo” (CHEN; NATH, 2005 *apud* NASCIMENTO, 2015, pp. 40).

Existem vantagens e desvantagens para o profissional que adota o teletrabalho móvel. “Fatores como liberdade, movimento, possibilidade de escolha e de seguir as próprias ideias são os principais atrativos, enquanto idioma, costumes e a solidão surgem como os principais obstáculos a esse estilo de vida e de trabalho” (CZARNIAWSKA, 2014 *apud* NASCIMENTO, 2015, pp. 42). Mas o maior beneficiado por essa categoria de trabalho flexível é o próprio jornalismo, pois

A união entre a flexibilidade proporcionada pela popularização da internet e das tecnologias móveis a uma narrativa poderosa, que possa contar histórias e relatar fatos de maneira mais prazerosa, rica em detalhes e independente pode, além de reoxigenar o jornalismo, render bons frutos (MOREIRA & SILVA, 2015, pp. 13).

Dessa maneira, pode-se perceber que “um jornalismo melhor feito, que trate a informação com mais detalhe, precisão e esmero, pode fazer a diferença em um meio em que a notícia, uma mercadoria valiosa, é explorada, muitas vezes, de maneira superficial”. Sendo que, para isso, “a prática do jornalismo nômade pode ser um dos possíveis caminhos para ampliar as potencialidades da atividade” (MOREIRA & SILVA, 2015, pp. 13).

4 ANÁLISE DO BLOG 360 MERIDIANOS

4.1 Procedimentos metodológicos

Para os fins dessa monografia foram utilizados dois procedimentos: a pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo. Sobre a primeira, entende-se que merece tratamento destacado, pois “a respeito de quase tudo que se deseja pesquisar, algo já foi pesquisado de forma mais básica, idêntica ou correlata”. Havendo, portanto, “outras percepções e posições que podem servir, seja para embasamento, seja para comparações ou mesmo para o conhecimento daquilo que se pretendia pesquisar sozinho” (DOS SANTOS, 1999, pp. 76).

Já sobre a análise de conteúdo, pode-se dizer que “os métodos de pesquisa passam por ciclos de moda e de esquecimento, mas a World Wide Web (WWW) e os arquivos online [...] criaram uma grande oportunidade para os dados em forma de textos”. Dessa forma, “à medida que o esforço de coletar informações está tendendo a zero, estamos assistindo um renovado interesse na análise de conteúdo e em suas técnicas [...]” (BAUER, 2002, pp. 189-190).

“O grande volume de material produzido pelos meios de comunicação de massa e a criação de técnicas para a sua quantificação determinaram o desenvolvimento da análise de conteúdo”, que é definida por Berelson como: “Uma técnica de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações” (BERELSON, 1952 *apud* GIL, 1999, pp. 165).

Essa definição, entretanto, é considerada “obsessiva” para alguns autores (BARDIN, 2010). Dessa forma, algumas outras disputam o lugar como definição mais adequada. Em uma delas a análise de conteúdo seria um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2010, pp. 44). Em outra seria uma “metodologia de pesquisa que utiliza um conjunto de procedimentos para produzir inferências válidas de um texto” (WEBER, 1985 *apud* BAUER, 2002, pp. 192). Já para Bauer, “a análise de conteúdo é uma técnica híbrida” (BAUER, 2002, pp. 190), que é utilizada para “produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada” (BAUER, 2002, pp. 191). Sendo que ela também pode ser considerada “uma categoria de procedimentos explícitos de análise textual para fins de pesquisa social” (BAUER, 2002, pp. 191).

Independente de qual definição se tome como principal, deve-se considerar que o computador foi uma pedra angular na história da análise de conteúdo, pois “durante a década

de 1960, o advento do computador intensificou o nível de reflexão metodológica” (BAUER, 2002, pp. 190-191). Isso porque o mesmo fez com que se dissolvesse a dicotomia análise qualitativa, na qual o que serve de informação é a “*presença* ou a *ausência* de uma característica do conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de uma mensagem que é tomada em consideração”, análise quantitativa, na qual o cerne é a “*frequência* com que surgem certas características do conteúdo” (BARDIN, 2010, pp. 26-27).

O surgimento do computador permitiu “assimilar rapidamente quantidades de dados impossíveis de manipular manualmente”, no entanto “a realização de um programa de análise exige um acréscimo de rigor em todas as fases do procedimento”. Dessa forma, o tratamento informático torna ultrapassada “a dicotomia análise quantitativa/análise qualitativa” (BARDIN, 2010, pp. 28).

Além disso, a análise de conteúdo desenvolve-se em três fases: “(a) pré-análise; (b) exploração do material; e (c) tratamento dos dados, inferência e interpretação” (BARDIN, 1977 *apud* GIL, 1999, pp. 165), sendo que “a pré-análise é a fase de organização. Inicia-se geralmente com os primeiros contatos com os documentos (leitura flutuante)”. A seguir, “procede-se a escolha dos documentos, a formulação de hipóteses e a preparação do material para análise”. Segue-se a isso a exploração do material, que “constitui, geralmente, uma fase longa e fastidiosa que tem como objetivo administrar sistematicamente as decisões tomadas na pré-análise”.

Finalmente, chega a fase do tratamento dos dados, da inferência e da interpretação que “objetivam tornar os dados válidos e significativos”. Para tanto, são utilizados procedimentos estatísticos que possibilitam estabelecer quadros, diagramas e figuras que sintetizam e põem em relevo as informações obtidas. Assim sendo, “à medida que as informações obtidas são confrontadas com informações já existentes, pode-se chegar a amplas generalizações”, o que torna a análise de conteúdo “um dos mais importantes instrumentos para a análise das comunicações de massa” (GIL, 1999, pp. 165).

4.2 O blog *360 Meridianos*

4.2.1 Histórico

O blog *360 Meridianos* foi criado em outubro de 2011 por três jornalistas de Belo Horizonte: Rafael Câmara, Luiza Antunes e Natália Becattini. O *360 Meridianos* não é apenas um blog de dicas de viagem, ele também reflete o estilo de vida dos nômades digitais. Além disso, é “lido por centenas de milhares de pessoas todos os meses e gerido cada hora de uma parte do mundo”. Sendo que eles mesmos afirmam que “mudamos de casa conforme a vida

anda, e carregamos o escritório com a gente, entre reuniões por Skype e diversos fuso horários”². O diário virtual também conta com o trabalho de três colunistas convidados: Ismael dos Anjos, Otávio Cohen e Victor Gouvêa.

Os fundadores contam mais sobre o surgimento do *360 Meridianos* em entrevista para o jornal O Dia, dada no dia 24 de maio de 2015. “Aconteceu em 2011, quando nos preparávamos para fazer intercâmbio de seis meses na Índia. Resolvemos juntar aquela viagem com um projeto maior, de volta ao mundo”. Eles ficaram quase 11 meses viajando, período em que passaram por “Espanha, Itália, França, Inglaterra, Índia, Nepal, Hong Kong, Malásia, Tailândia, Cingapura, Indonésia, Nova Zelândia, Chile e Peru”. Dizem que então “fazer um blog foi natural”. Um ano depois que voltaram para o Brasil, deixaram seus empregos tradicionais. “Nossas famílias ficaram assustadas. E monetizar o blog não foi fácil mesmo. Foram seis meses de trabalho até que o *360 Meridianos* fosse capaz de dar um salário para cada um”. Hoje trabalham muito mais do que quando eram funcionários, mas têm liberdade para trabalhar do jeito que gostam e de onde quiserem³.

Rafael, Luiza e Natália também concordam que esse modo de vida dos nômades digitais só é possível por causa da Revolução das Tecnologias de Informação e Comunicação:

O mundo vive uma mudança enorme. Gigante. A internet não é só mais uma etapa na saga do inexorável avanço tecnológico humano. É uma etapa principal. É a maior revolução comunicacional desde que Gutemberg inventou a imprensa. A Internet muda tudo. Muda a forma como vivemos, nosso modelo trabalho, nossos sonhos, nossos objetivos, o modelo de empreendedorismo, a forma como viajamos, o jeito que nos comunicamos. A internet causa revoluções, derruba governos e modifica o curso da história⁴.

Para eles, o modelo de jornalismo e comunicação atuais também são sinônimos de crise. Por isso, “enquanto veículos de comunicação enormes demitem milhares e fecham projetos, nós resolvermos criar um negócio cujo modelo de monetização sequer estava claro quando o blog nasceu”⁵. O que tem dado bons frutos até o momento, pois além de reunir mais de 59 mil curtidas em sua *fanpage* no *Facebook*, contando com 58.840 seguidores na mesma rede, possui também 32 mil seguidores no *Instagram* e aproximadamente 3.587 mil inscritos no canal do Youtube, números que expressam o quanto o portal é relevante.

² CÂMARA, R. S.; BECATTINI, N.; ANTUNES, L. **Quem somos**. 360 Meridianos. Disponível em: <<https://www.360meridianos.com/quem-somos-new>>. Acesso em: 14/07/2018.

³ **Loucos por viagens, jovens criam novos negócios turísticos**. O Dia. Rio de Janeiro, 24 mai. 2015. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/_conteudo/noticia/economia/2015-05-23/loucos-por-viagens-jovens-criam-novos-negocios-turisticos.html>. Acesso em: 14/07/2018.

⁴ CÂMARA, R. S.; BECATTINI, N.; ANTUNES, L. **4 anos: soprando as velinhas com vocês**. 360 Meridianos. 12 out. 2015. Disponível em: <<https://www.360meridianos.com/noticia/4-anos-soprando-as-velinhas-com-voce>>. Acesso em: 14/07/2018.

⁵ Id.

4.2.2 Estrutura

O blog *360 Meridianos* se encontra no endereço eletrônico *360meridianos.com/*. O diário digital já possui sete anos de existência e soma aproximadamente 2.500 postagens. O site é dividido em três categorias principais: Especiais, Artigos e Dicas de Viagem.

A categoria Especiais⁶ possui conteúdo mais jornalístico, porque é feito com base em pesquisa, trabalho de campo e entrevistas. Nessa parte os blogueiros mostram para o público como são a vida, os costumes, o povo e a história dos lugares que visitaram. Isso é feito através da abordagem de diferentes aspectos: Sociedade e Cultura, História, Gastronomia, Esporte, Meio Ambiente, Política e Cinema e Literatura.

A categoria Artigos⁷ é dividida em outras seis subcategorias: Conversa de bar, que contém reflexões e discussões sobre o mundo das viagens, teorias e opiniões; Crônicas de viagem, que relata as histórias que os blogueiros viveram em suas viagens; Cotidiano, que são crônicas e questões do dia a dia; Entretenimento, que aborda jogos, listas e passatempos; Fotografia de viagem, que disponibiliza dicas sobre como melhorar as fotos dos leitores e algumas coletâneas de fotografias; e Vida Nômade, que contém dicas sobre como se tornar um nômade digital e viver viajando pelo mundo. Esta categoria será o corpus, “conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos processos analíticos” (BARDIN, 2010, pp. 126), de pesquisa do presente estudo.

A terceira e última categoria é a Dicas de Viagem⁸, que, assim como a categoria Artigos, também é subdividida em subcategorias. São elas: Antes de viajar, que aborda a preparação para conhecer um destino específico; Orçamento, que traz roteiros por países ou regiões, vistos e outras informações pertinentes à fase de planejamento de viagem; O que fazer, que mostra as atrações e guias dentro de uma cidade; Onde ficar, que dá dicas de regiões e hotéis; Bares e Restaurantes, que também dá dicas, mas sobre bares e restaurantes e Planejamento de viagem, que traz informações mais específicas da fase de programação, por exemplo, como fazer uma mala, como encontrar passagens baratas, como economizar em uma viagem, etc.

Além dessas três categorias principais, há algumas outras que são satélites, como Atlas⁹ e Sobre Nós. A primeira apresenta um infográfico interativo do mapa-múndi, no qual basta clicar em cima de um país para conhecer todos os pontos turísticos que os blogueiros já

⁶ Acessível em: <<https://www.360meridianos.com/especiais>>. Acesso em: 14/07/2018.

⁷ Acessível em: <<https://www.360meridianos.com/artigos>>. Acesso em: 14/07/2018.

⁸ Acessível em: <<https://www.360meridianos.com/dicas-de-viagem>>. Acesso em: 14/07/2018.

⁹ Acessível em: <<https://www.360meridianos.com/atlas>>. Acesso em: 14/07/2018.

visitaram ali. Cada um dos países também tem sua própria página com todo o conteúdo sobre aquele destino, que pode ser filtrado por editoria e por cidade. Há uma distinção entre as regiões já visitadas pelo trio, pintadas em azul, e as que eles ainda não conheceram, que estão em amarelo. Apenas os territórios coloridos de azul possuem conteúdo relacionado.

Já a segunda, Sobre Nós, é dividida em: Quem Somos, que traz a história da criação do blog e as histórias pessoais de cada fundador¹⁰; Manifesto, que traz os valores do blog¹¹; Contato, que divulga o canal para envio de críticas, sugestões e parcerias¹² e Notícias, que contém avisos, conteúdo institucional e promoções¹³.

4.3 Análise de conteúdo

Para os fins do presente trabalho, foram analisados todos os títulos dos posts realizados até o presente momento da categoria Vida Nômade. A análise foi realizada durante o período do mês de julho, sendo que foram analisadas ao todo 40 publicações. Neste processo foi possível observar que apenas cinco delas continham a(s) palavra(s) nômade(s) digital(is) no título. Tendo em conta o escopo do presente estudo, que consiste em demonstrar como as novas tecnologias de informação têm transformado a prática jornalística através do teletrabalho, da mobilidade e do nomadismo digital de maneira inovadora e têm possibilitado flexibilidade e mobilidade ao jornalista, será feita uma análise qualitativa de tais postagens na ordem cronológica em que foram publicadas.

4.3.1 Postagem 1

A primeira postagem foi feita no dia 17 de abril de 2013, possui como título “Nômade digital: minha vida com uma mochila”¹⁴ e foi escrita por Rafael Sette Câmara. Na mesma, o autor discorre principalmente como a infância dele foi fundamental como base para a vida de nômade que leva hoje: como os pais eram separados, ele estava sempre tendo que colocar seus pertences dentro de uma mochila para poder ficar um pouco em uma casa e um tempo na outra. “Todo fim de semana era a mesma história: roupas na mochila, mochila nas costas, costas no banco do carro e vamos embora”.

¹⁰ Acessível em: <<https://www.360meridianos.com/quem-somos-new>>. Acesso em: 14/07/2018.

¹¹ Acessível em: <<https://www.360meridianos.com/manifesto>>. Acesso em: 14/07/2018.

¹² Acessível em: <<https://www.360meridianos.com/contato>>. Acesso em: 14/07/2018.

¹³ Acessível em: <<https://www.360meridianos.com/noticias>>. Acesso em: 14/07/2018.

¹⁴ CÂMARA, R. S. **Nômade digital**: Minha vida com uma mochila. 360 Meridianos. abr. 2013 Disponível em <<https://www.360meridianos.com/2013/04/nomade-digital-vida-com-mochila.html>>. Acesso em: 14/07/2018.

Posteriormente Rafael enumera algumas razões para ser um nômade digital, como conhecer o mundo e expandir sua experiência de vida; a facilidade de se fazer a mala e o tédio que a rotina produz. Ele enfatiza, então, que “nunca foi tão fácil ser nômade digital” e explica o porquê: “nosso mundo é digital. Nós vivemos online, estamos presentes o tempo inteiro, somos ligados uns aos outros”, dessa forma, “se muitos trabalhos não precisam mais ser presenciais, por que diabos as empresas exigem a presença do funcionário, de nove às seis? Ideologia, apenas”.

Assim sendo, é possível perceber que, para o autor, está clara a relação entre a tecnologia atual e esse novo modo de vida e de trabalho, “modelo centrado na realização do trabalho independente de locais fixos, centrado nas possibilidades promovidas pelo meio digital” (NASCIMENTO, 2015, pp. 35). Além disso, ele salienta o atraso no procedimento das empresas com relação à aceitação dessa nova maneira de produção, reforçando a ideia de que o fato das “organizações que atualmente produzem bens de serviço e informação” serem “filhas da velha indústria de manufaturas” (DE MASI, 2000, pp. 247) faz com que “regras que foram pensadas para o trabalho material” sejam aplicadas no trabalho imaterial, que, como vimos, não exige “nem copresença física, nem sincronismo” (DE MASI, 2000, pp. 232). A tirinha escolhida por Rafael (Figura 1) para ilustrar este post retrata bem isso.



Figura 1 - Tirinha - Fonte: <https://www.360meridianos.com/2013/04/nomade-digital-vida-com-mochila.html>

4.3.2 Postagem 2

A segunda postagem foi feita no dia 17 de dezembro de 2013, possui como título “O que você deve saber antes virar um nômade digital”¹⁵ e foi escrita por Natália Becattini. Nesse post, Natália busca tornar compreensível o termo “nômades digitais”, explicando sua origem nos “povos caçadores e coletores do período mesolítico”. Depois ela traz para o presente, dizendo que no século 21, a palavra referida “volta ao dicionário para indicar uma nova tendência mundial: a compreensão de que, com auxílio das novas tecnologias, a necessidade de estar presente no escritório é drasticamente reduzida”, podendo até mesmo ser eliminada. E já que isso acontece, “se eu não preciso estar no escritório, então eu não preciso nem mesmo estar no mesmo continente que o escritório”.

Ela então comenta sobre o aumento no número de pessoas adeptas desse estilo de vida, “no entanto, a cada ano, mais e mais pessoas fogem do escritório para o home office – e por “home”, nesse caso, vamos entender também quartos de hotéis, cafés, salas de convivência de albergues e barracas de camping”. Diz que, assim como seus colegas de viagem/trabalho, tem vivido desse modo e faz, a seguir, algumas recomendações para quem estiver pensando em adotar também a mesma trilha. Dentre tais conselhos estão: “você não está de férias”; “a rotina é necessária”; e “toda escolha envolve perdas”.

Natália também aborda alguns prós e contras, sendo que a rotina flexível e a liberdade são consideradas o lado bom, enquanto o lado ruim teria itens como “tirar férias pode não ser uma recompensa a cada ano, você vai deixar de conviver com os colegas na empresa, a palavra estabilidade vai sumir do seu vocabulário”, entre outros. Em resumo, há que se pôr na balança individualmente os pontos favoráveis e os desfavoráveis e tomar a decisão de aderir ou não ao movimento. Na imagem abaixo, Natália e sua colega trabalham no que denominaram de “escritório” em Veneza.

¹⁵ BECATTINI, N. **O que você deve saber antes de virar um nômade digital**. 360 Meridianos. dez. 2013. Disponível em <<https://www.360meridianos.com/2013/12/o-que-voce-tem-que-saber-antes-virar-um-nomade-digital.html>>. Acesso em: 14/07/2018.



Figura 2 - Escritório de um nômade digital - Fonte: <https://www.360meridianos.com/2013/12/o-que-voce-tem-que-saber-antes-virar-um-nomade-digital.html>

Um ponto chave do texto é o momento em que Becattini discorre sobre como de fato ela mergulhou nessa aventura: “um dia, lá pelo meio de abril, meu chefe me chamou para a conversa. Eu já sabia do que se tratava: seria dispensada. Não aconteceu só comigo, metade da redação foi nessa leva”. Isso corrobora a tese de que o mercado de fato está ficando cada vez mais reduzido e que, além disso, as condições para os que ficam no sistema estão se deteriorando mais e mais. Assim, como diz Natália, “meu futuro é tão incerto quanto o de qualquer outro”.

4.3.3 Postagem 3

A terceira postagem foi feita no dia 20 de janeiro de 2014, possui como título “As carreiras para quem quer ser um nômade digital”¹⁶ e foi escrita por Rafael Câmara. Mais uma vez o conceito de liberdade aparece ligado ao nomadismo. Isso porque o mesmo permite “trabalhar de qualquer lugar, seja numa praia paradisíaca ou numa vila perdida no alto de uma

¹⁶ CÂMARA, R. S. **As carreiras para quem quer ser um nômade digital**. 360 Meridianos. jan. 2014. Disponível em <<https://www.360meridianos.com/2014/01/carreiras-nomade-digital.html>>. Acesso em: 14/07/2018.

montanha”, graças à internet. “Não é mais preciso ficar preso ao escritório, seis dias por semana, oito horas por dia. Dá para ser um nômade digital e trabalhar viajando”.

Rafael lista cinco áreas profissionais perfeitamente adaptáveis ao referido modo de vida e a primeira de todas é a produção de conteúdo. “É isso que nós fazemos. Formados em Comunicação Social, já estávamos acostumados a produzir conteúdo para empresas da área” e acrescenta: “escrever textos, produzir vídeos, gerenciar mídias sociais, fazer (e vender) fotos... tudo isso pode ser feito online”. Além disso, especifica “se você é jornalista ou já tem experiência na área, então o próximo passo é procurar empresas dispostas a te pagar pelo serviço de freelancer”. Ou seja, este é um caminho totalmente plausível para jornalistas que estão buscando uma novidade na profissão ou que estão tentando se manter nessa época de crise.

Em seguida, Câmara reforça o crescimento do modo freelance: “segundo uma pesquisa feita pela Hays, empresa internacional de recrutamento, cerca de 30% das companhias já usam esse modelo de trabalho”. E acrescenta pontuando algumas vantagens para os empregadores ao adotarem o modelo, “entre elas estão a diminuição no espaço necessário para acomodar os funcionários, menos gastos com infraestrutura e – acredite se quiser – até um aumento comprovado de produtividade”. O que foi validado por pesquisas científicas, “isso mesmo, especialistas garantem que ao não ter que se deslocar para o escritório e nem passar horas no trânsito, alguns funcionários passam a produzir mais”.

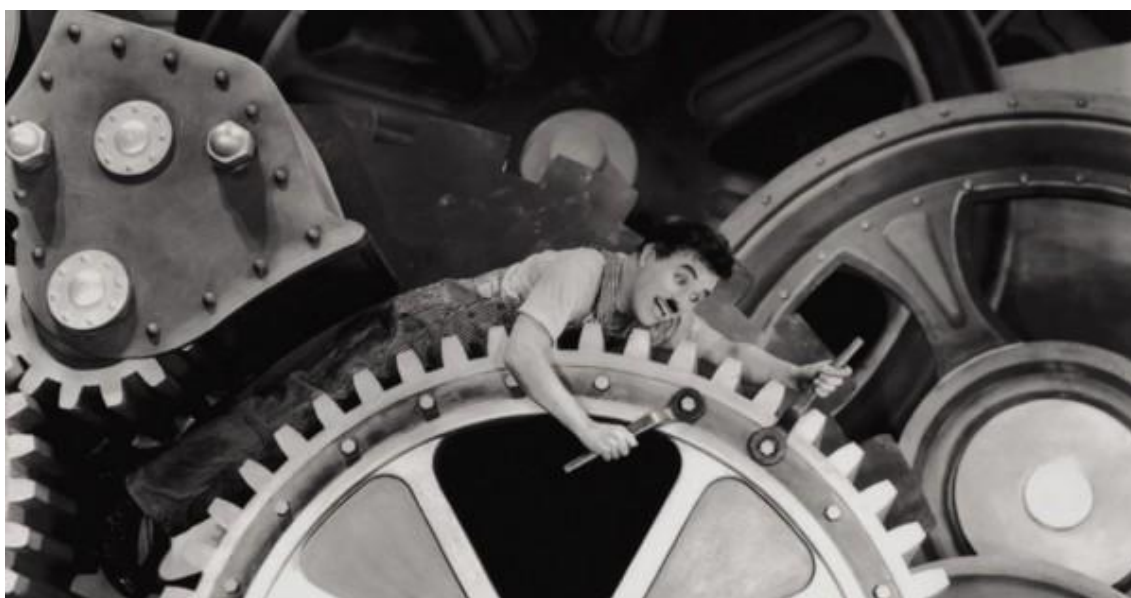


Figura 3 – Tempos modernos - Fonte: <https://www.360meridianos.com/2014/01/carreiras-nomade-digital.html>

4.3.4 Postagem 4

A quarta postagem foi feita no dia 17 de fevereiro de 2014, possui como título “Como eu descobri que queria ser nômade digital”¹⁷ e foi escrita por Natália Becattini. Como esta publicação foi feita pela mesma autora do texto do item 2, “O que você deve saber antes virar um nômade digital”, os temas se repetem. Novamente ela traz a questão de perdas e ganhos, também trata do motivo de ter se tornado seguidora do nomadismo digital, que foi ter sido demitida.

O texto é estruturado como um enredo: ela tinha o sonho de ser repórter, “dessas que cobrem grandes eventos mundiais. Dessas que veem as guerras de perto, que publicam grandes reportagens de várias páginas e com entrevistados importantes”. Então, Natália encarou a realidade, “um dia, percebi que a maior chance era que eu acabasse passando o resto da minha vida fazendo reportagens sobre buracos nas estradas, não sobre a Guerra do Iraque”. E isso fez com que ela se desiludisse com a carreira jornalística, “foi quando minha profissão deixou de ser um sonho e se tornou só um trabalho”.

Como ocorre nas narrativas, houve um ponto chave, que foi uma entrevista com uma orientadora vocacional. “Foi quando ela começou a me explicar sobre empreendedorismo e a diferença entre buscar um emprego e um projeto”, sendo que Becattini já estava envolvida nessa época com o blog *360 Meridianos*. “Assim, eu percebi que me sentia mais realizada quando trabalhava em projetos que significavam alguma coisa para mim, ainda que eu não obtivesse deles nenhum retorno financeiro”.

Aqui é necessário fazer uma pausa. E o tema é o discurso de “trabalhar com o que se ama”. Assim como a própria autora diz, há um ponto a ser tratado quando se toca neste assunto e ele se refere ao público alvo de tal discurso, que é “de classe média urbana, com alguma escolaridade e que se identifica com essa premissa”. Isso porque “tem gente que considera que isso não é o mais importante em um emprego. Pessoas que encontram, ou não, a felicidade e realização pessoal em outros lugares”. Ou seja, viver uma vida nômade é para os que encontram nisso uma forma de felicidade, que a buscam como resultado do trabalho.

¹⁷ BECATTINI, N. **Como eu descobri que queria ser nômade digital**. 360 Meridianos. fev. 2014. Disponível em <<https://www.360meridianos.com/2014/02/queria-ser-nomade-digital.html>>. Acesso em: 14/07/2018.

4.3.5 Postagem 5

A quinta e última postagem que continha no título a palavra “nômade digital” foi feita no dia 18 de maio de 2014, possui como título “Tudo o que você queria saber sobre nômades digitais”¹⁸ e foi escrita por Luiza Antunes. Esta é a única das selecionadas que também possui conteúdo em vídeo, no entanto, apenas a parte textual será analisada, já que uma das regras da escolha do corpus é a da homogeneidade, segundo a qual “Os documentos retidos devem ser homogêneos, isto é, devem obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora desses critérios” (BARDIN, 2010, pp. 128).

O post está estruturado no formato de entrevista, que foi realizada com os criadores do blog Vou Contigo Lifestyle, Átila Ximenes e Ludmy Paiva. Ele, “videomaker e produtor de conteúdo para blogs corporativos e redes sociais na área do turismo”, ela, “publicitária, pós-graduada em Marketing pela Universidad Complutense de Madrid e especializada em marketing digital”¹⁹.

Ambos retomam os valores mais citados pelos blogueiros do *360 Meridianos*, como a questão de saber que não se está de férias, da necessidade de se estabelecer uma rotina de trabalho, da importância de se seguir regras e de se ter metas. A novidade são os conselhos sobre as questões mais “duras” do planejamento de quem pretende sair em viagem sem saber quando vai voltar. Por exemplo, “antes de viajar, faça uma procuração autorizando uma pessoa de confiança a resolver qualquer pepino para você. E tenha todos os seus documentos não só copiados, mas também digitalizados e salvos no e-mail ou na nuvem” e “tenha uma conta no *Pay Pal* para facilitar o recebimento do dinheiro. Também tenha um cartão de crédito internacional, com a função de débito e saque no exterior liberada”.

Além disso, eles também recomendam alguns sites que especializados em ajudar a conseguir empregos freelance²⁰. O CEO da Elance, Fabio Rosati, percebeu a mudança que estava ocorrendo no mercado de trabalho e apostou nisso para ser seu negócio, “esta é uma grande mudança de paradigma, com o emprego não mais dependente da localização, mas sim das habilidades. Esta é uma das alterações mais significativas no mercado de trabalho desde a revolução industrial”. Hoje a Elance tem “quase 4 milhões de usuários, com mais de 800.000

¹⁸ ANTUNES, Luiza. **Tudo o que você queria saber sobre nômades digitais**. 360 Meridianos. mai. 2014. Disponível em <<https://www.360meridianos.com/2014/05/tudo-o-que-voce-queria-saber-sobre-nomades-digitais.html>>. Acesso em: 14/07/2018.

¹⁹ PAIVA, Ludmy; XIMENES, Átila. **Sobre nós**. Vou Contigo. Disponível em <<https://www.voucontigo.com.br/saiba-mais/sobre-o-vou-contigo-lifestyle/>>. Acesso em: 14/07/2018.

²⁰ Tais como www.guru.com, www.elance.com, www.odesk.com, www.freelancer.com, www.workana.com.

empresas contratando de um *pool* de 3 milhões de freelancers registrados, que ganham mais de US \$ 300 milhões por ano”²¹ (tradução nossa).

4.4 Discussão das análises

O blog *360 Meridianos* é um exemplo empírico de como as novas tecnologias de informação têm transformado a prática jornalística através do teletrabalho, da mobilidade e do nomadismo digital, “modelo centrado na realização do trabalho independente de locais fixos, centrado nas possibilidades promovidas pelo meio digital” (NASCIMENTO, 2015, pp. 35). E de como isso tem trazido um frescor para a atividade jornalística, o que é vital para “conquistar o público da internet, como ensina a história recente” (HERSCOVITZ, 2003, pp. 21).

A partir da análise do conteúdo das cinco postagens do blog que continham a(s) palavra(s) nômade(s) digital(is) no título, foi possível perceber que os principais temas abordados pelas mesmas foram o atraso no procedimento das empresas, porque derivam da indústria de manufaturas, são paquidérmicas e resistentes às mudanças (DE MAIS, 2000); a relação simbiótica entre a tecnologia e o novo modo de trabalho, já que a nova tecnologia da informação redefiniu os processos de trabalho e juntamente os trabalhadores (CASTELLS, 2002); e o aumento no número de pessoas buscando esse caminho alternativo, pois muitas tentam evitar a onda de desemprego em massa que está sendo causada pelo mau uso das tecnologias de informação e comunicação, que, como vimos, têm sido utilizadas para a substituição de mão de obra sem que os trabalhadores sejam reabsorvidos pelo mercado (CASTELLS, 2002).

Somam-se a esses também os prós e os contras do trabalho remoto, sendo que a rotina flexível e liberdade figuram como pontos positivos unânimes (NASCIMENTO, 2015) e fatores como isolamento ou marginalização da dinâmica da empresa representam uns dos pontos negativos mais importantes (DE MAIS, 2000); o aumento da produtividade relacionado à prática do teletrabalho (CASTELLS, 2002; DE MASI, 2000); somando-se a alguns conselhos para quem quer aderir a esse movimento profissional.

Dessa forma, é possível perceber que os temas tratados pelo blog em questão reproduzem os valores e as questões trabalhadas nos primeiros capítulos do presente trabalho. O objeto prático comprova que o nomadismo digital é possível graças às ferramentas e

²¹ CHAN, Nathan. **Elance-oDesk CEO Fabio Rosati on How to Disrupt an Industry**. Foundr. Disponível em: <<https://foundr.com/fabio-rosati/>>. Acesso em: 14/07/2018.

tecnologias do ciberespaço e que é possível para o profissional de jornalismo trabalhar em negócios online enquanto se desloca pelo mundo fazendo uso da tecnologia.

5 CONCLUSÃO

Os principais objetivos do presente estudo consistiam em descrever como o as novas tecnologias de informação têm transformado a prática jornalística através do teletrabalho, da mobilidade e do nomadismo digital de maneira inovadora e têm possibilitado flexibilidade e mobilidade ao jornalista. Para isso, foi preciso, primeiramente, descrever a revolução das tecnologias de informação e comunicação, assim como expor a transformação do mercado de trabalho ocasionado pela mesma. Isso levou a também especificar o que é o teletrabalho e como o panorama atual alterou o mercado de trabalho jornalístico, finalizando com a análise do fenômeno do nomadismo digital.

A questão é que as práticas jornalísticas atuais se encontram em um momento de crise e, por isso, faz-se necessário refletir sobre possíveis caminhos para os profissionais da área, que têm enfrentado um cenário de desemprego e instabilidade. Para se propor, então, uma possível alternativa, foi preciso retornar ao princípio do trabalho moderno, a fim de se poder compreender quais fatores ocasionaram o presente quadro. Nesse propósito descobriu-se então que a principal causa é o mau uso das ferramentas tecnológicas e que isso é um modelo escolhido pela classe dominante a fim de receber o maior lucro no menor espaço de tempo.

No entanto, foi possível perceber que os trabalhadores também podem usar a tecnologia ao seu favor, sendo que o modelo do nomadismo digital é uma das maneiras possíveis para se fazer isso. Desse modo, surge uma oportunidade para que os profissionais de jornalismo que se interessarem por esse estilo de vida e de trabalho possam criar espaços para si próprios, já que as cadeiras nas redações, de maneira geral, têm tido seu número cada vez mais reduzido.

Além disso, este estudo abre caminho para mais pesquisas na área da sociologia do trabalho voltada para a área do mercado jornalístico, o que é de fundamental importância, já que o assunto possui bibliografia escassa no Brasil, considerando que o tema do nomadismo digital é bastante recente, por isso, pouco estudado. Inclusive, este conteúdo será, possivelmente, meu objeto de estudo na dissertação de mestrado. Além disso, esta pesquisa também pode elucidar possíveis mudanças que necessitem ser feitas no ensino do jornalismo, pois mostra um panorama de como se encontra a situação profissional da área hoje e de quais habilidades serão necessárias nesses novos tempos.

Já ao considerar a análise empírica, buscou-se um objeto que pudesse demonstrar na prática o trabalho de jornalistas que vivem o nomadismo digital, sendo por isso escolhido o blog *360 Meridianos*, o qual possui como fundadores três profissionais do ramo que têm

conseguido se manter dos recursos gerados pelo mesmo. Para tanto, foram analisadas as publicações da editoria específica Vida Nômade, que no próprio nome exibe a questão que gerou o presente trabalho. Os resultados obtidos permitiram identificar os principais elementos relacionados ao estilo de vida do nomadismo digital, como a flexibilidade e a mobilidade, ratificando os dados levantados na pesquisa bibliográfica.

Assim sendo, pode-se concluir que o nomadismo digital se apresenta como uma oportunidade para os profissionais da comunicação que atuam na área digital, que é a grande maioria nos dias de hoje. Para tanto, basta que haja a presença das tecnologias da informação e da comunicação, como o acesso à Internet e dispositivos móveis, e o interesse do jornalista nesse modelo alternativo de trabalho. Não se deve, entretanto, acreditar que a jornada será mais fácil do que seguir o padrão de carreira conhecido, pois praticamente todos os trabalhadores que vivem a realidade do nomadismo relatam muitas vezes trabalhar mais do que quando estavam em uma empresa de comunicação. No entanto, para os mesmos, é um preço a ser pago para poder usufruir de mais autonomia e flexibilidade, além da oportunidade de se ter no papel de parede do computador a mesma vista do escritório virtual aonde se encontram.

REFERÊNCIAS

ANGELUCI, Alan César Belo; SCOLARI, Carlos Alberto. **A comunicação móvel está no centro dos processos de convergência cultural contemporâneos**. Intercom – RBCC, São Paulo, v. 39, n 2, p. 177 – 184, mai. - ago. 2016.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edição 70, 2010.

BAUER, M. W. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão**. In: M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. p. 189 – 217. Petrópolis, RJ. Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2001.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

COM trabalho e sem emprego. **Revista VOCÊ S/A**, São Paulo, ed. 242, julho de 2018.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DOS SANTOS, Antônio Raimundo. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

HERSCOVITZ, Heloiza. A internet e o futuro do jornalista. Vol. XXVI, n 1, jan. – jun. de 2003.

LE MOS, André. **Cibercultura e Mobilidade. A Era da Conexão**. Intercom, XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1465-1.pdf>>. Acesso em: 14/03/2018.

LONGHI, Raquel Ritter; FLORES, Ana Marta M. **Narrativas webjornalísticas como elemento de inovação**: casos de Al Jazeera, Folha de S.Paulo, The Guardian, The New York Times e The Washington Post. Intercom - RBCC, São Paulo, v.40, n.1, p.21-40, jan. - abr. 2017.

MOREIRA, Benedito; SILVA, Helson. **A prática jornalística e o nomadismo digital**: potencialidades e possíveis caminhos. Intercom, XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3725-1.pdf>>. Acesso em: 16/03/2018.

NASCIMENTO, Naiara Oss-Emer. **Nomadismo digital e comunicação na WEB 2.0**: Uma análise do blog Nômades Digitais. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

SILVA, Esser. Excurso sobre mídia, tecnologia e trabalho. Intercom - RBCC 59, São Paulo, v.40, n.1, p.59-75, jan. - abr. 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.